

BELLO Horizonte



DEZEMBRO - 1947

CR\$ 2,00

BELO HORIZONTE
Rua da Baía, 570 - 10.º andar
Caixa Postal, 320
TELEFONE 2-1239
End. Teleg. "ALCASAN"

Companhia

ALCASAN Construtora

RIO DE JANEIRO
Av. Erasmo Braga, 12 - Sala 21
TELEFONE 42-0974
Endereço Telegráfico
"ALCASAN"

CONCRETO
ARMADO
Obras
Publicas
Empreitadas



Edifício ALCASAN-séde da Companhia Alcasan Construtora, em Belo Horizonte

DIRETOR:

MIGUEL CHALUP

REDAÇÃO

FLORIANO DE PAULA

CERENTE:

WAGNER GOMES

Sumario

Este é David Nasser .. .	pag. 2
Aranhas Dançarinas — Alvares	
Rubião .. .	pag. 7
Do Barão de Itararé .. .	pag. 9
As touradas também morrem —	
Domingos Dangelo .. .	pag. 10
Chapéuzinho Vermelho — Lúcia Miguel Pereira .. .	pag. 13
Quilometro 1126 — Floriano de Paula .. .	pag. 14
Os verdadeiros quadros do Cinquentenario — Osvaldo Neves	
Massote .. .	pag. 18
Notas de um diário — M. Rahelo .. .	pag. 34
Reino da Solidão — Cecília Meirelles .. .	pag. 38
O carrasco Fortunato — João Serrano .. .	pag. 41
Hitler e as mulheres — Peter Calvoceossi .. .	pag. 42
Caleidoscopio .. .	pag. 48

Direção e Redação — Av. Afonso Pena, 526 — Edif. Mariana, 7º andar, sala 706 — Fone, 2-7788

ASSINATURAS SOB REGISTRO:

12 meses .. .	Cr\$ 30,00
6 meses .. .	Cr\$ 18,00
N. avulso .. .	Cr\$ 2,00
N. atrasado .. .	Cr\$ 3,00

CLICHE'S

Fotogravura Minas Gerais Ltda.

IMPRESSÃO:

Gráfica SANTA MARIA
Rua Curitiba, 1414

OBSERVAÇÃO: — A direção desta Revista não se responsabiliza por conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados.

Não se devolvem originais.

Nossa capa

JANIS PAIGE — da Warner

Cinquenta anos de existência fizeram de Belo Horizonte uma das mais encantadoras cidades sul-americanas. Já a nossa Capital, desde muito tempo, instalou-se definitivamente nas cogitações dos turistas e seu nome se evocava com revelado entusiasmo.

Miserável é a situação da estrada de Venda Nova a Vespasiano. Sob a promessa de uma avenida larga até Lagoa Viriam forasteiros conhecer a Santa a velha estrada está condenada ao abandono, toderiam admirar a realização da esburacada, crivada de do homem sobre a beleza de «costelas». Valetas abertas

esquecimento. Em dias futuros, novos programas assinalarão a passagem do aniversário da cidade. E que, em cada ano, o belorizontino cuide da modernização desses programas, fugindo aos detalhes provincianos e realizando o que de fato possa atrair o público.

ESTRADA DO SACRIFICIO

Miserável é a situação da estrada de Venda Nova a Vespasiano. Sob a promessa de uma avenida larga até Lagoa Viriam forasteiros conhecer a Santa a velha estrada está condenada ao abandono, toderiam admirar a realização da esburacada, crivada de do homem sobre a beleza de «costelas». Valetas abertas

abandonou sua tarefa e que o engenheiro da residencia a que pertence aquela zona se esqueceu da estrada de Vespasiano. E com isso fica ameaçado o abastecimento de Belo Horizonte pois Vespasiano é um dos maiores fornecedores de verduras e outros generos para o nosso mercado. Justo, portanto, o movimento de dezenas de motoristas no sentido de apelar para o Governador do Estado, já que o nosso Departamento de Estradas de Rodagem desinteressou-se pelo destino da Estrada de Vespasiano.

JOGO DO BICHO

© Ministro da Justiça re-



um perfeito traçado urbano. Justas, portanto, as manifestações realizadas em homenagem ao acontecimento. Pois em 50 anos os belorizontinos gravaram um atestado de capacidade realizado nas ruas e avenidas arejadas, na imponencia dos edificios, na cultura semeada de suas escolas. Doze de Dezembro não deve permanecer no

nos locais das variantes não comendou aos Governadores são precedidas de advertência, o que tem ocasionado decombate ao jogo de asar. Já é sastres. Oitenta carros já tempo de ser iniciada uma cairam num buraco existente campanha severa contra o nas proximidades da Fazenda jogo de bicho — em Belo Horizonte. Não é a primeira vez

Há cerca de um mês, duas que abordamos o assunto nessas maquinas removeram as «costa pagina. E essa campanha telas». Vieram as chuvas e a não estaria em situação melhor do que orientada pelo delegado Lourenço Jorge, de Carregada da conservação Costumes e Jogos.



Com o seu amigo Miguel Chalup, no Congresso de Escritores em Belo Horizonte

Este é David NASSER

E' a tarefa mais difícil que encontrei», — confessou-nos, certa vez, um redator encarregado de fazer um resumo da vida do maior reporter brasileiro. De fato, a vida de David Nasser, desde sua infância atribulada em sua Caxambú até as peripécias de grande jornalista dos «Diários Associados», dariam para encher um livro inteiro. Senão vejamos:

— Nasceu em Jaú, Estado de S. Paulo em 1917, mudando-se para Caxambú alguns anos mais tarde, onde recebeu educação primária. Mas sua ânsia de se instruir era muita e não existia, nesse tempo, colégios que ministrassem o curso secundário naquela cidade mineira. O dinheiro que ganhava no emprego — numa padaria — era quase todo gasto em livros, que ele devorava em pouco tempo, mas ao contrário das pessoas que lêem de pressa e não guardam o que leram, David tinha um formidável poder de assimilação, que o tornava capaz de repetir trechos inteiros de uma obra. Um dia, sua professora emprestou-lhe o livro «Cachoeira de Paulo Afonso» para que ele decorasse uma certa poesia. No dia seguinte, na festa de formatura, declamou a maioria das poesias de Castro Alves.

Aos treze anos, veio para o Rio, onde se empregou, inicialmente, numa casa comercial. Trabalhava de dia e estudava à noite e as horas restantes, as passava na Biblioteca. Vendeu pentes e lapis, vendeu balas e refrescos nos cinemas.

Ingressou no jornalismo como redator esportivo do «Diário da Noite», onde sua maneira original de redigir foi logo notada pelos chefes que imediatamente lhe confiaram tarefas mais difíceis em outros setores.

Passou para o corpo de reporteres de «O Globo». Durante vários anos permaneceu nesse vespertino carioca, sempre lutando contra os inimigos do povo, com suas reportagens que mostravam desde a falta de higiene dos restaurantes da cidade até as falcaturas de um negociante desonesto. No terreno político, Nasser sempre batalhou ao lado de Democracia, denunciando a ligação entre os integralistas do Brasil e os fascistas da Itália, o que lhe valeu a inimizade daqueles, que tentaram, por duas vezes, exterminar o inimigo declarado dos verdes. Antes que o Brasil entrasse na guerra, ainda demonstrando seu firme propósito de por o público a par dos acontecimentos, revelou de maneira admirável, todas as tramas da espionagem nazistas no Brasil. Através destas publicações, — transcritas por Frank Gervazie de «Colliers», dos Estados Unidos, 38 agentes da Gestapo foram descobertos e presos.

Em 1944 voltou aos «Diários Associados» na revista «O Cruzeiro», juntamente com o fotógrafo Jean Manzoni, criando com ele, uma nova modalidade de reportagens, ilustradas e sensacionais.

Não é preciso dizer o sucesso alcançado pela dupla Manzon-Nasser em todo o Brasil, durante vários anos, abordando os mais variados assuntos. Os autores de «Mergulho na Aventura», estiveram em hospícios, hospitais, leprosários, na Maçonaria, com Chico Xavier, Barreto Pinto em trajes menores, e muitas outras reportagens sensacionais. A mais intrépida e mais arrojadada de suas aventuras, foi a dos Chavantes. Quando sobrevoavam, à baixa altura uma aldeia dos ferozes selvagens, uma borduna atingiu o avião quase



Escrevendo o proximo livro: «A Cruz de Jerusalém»



Através do deserto de Sahara...



Perante a Câmara dos Deputados faz o seu depoimento



Rumo ao Canal de Suez



David Nasser recebendo do representante do Chile a mais alta e antiga condecoração da América por serviços prestados à Democracia

ESTE É DAVID NASSER

(Conclusão)

que o derrubando.

Sobre esta perigosa aventura nas inhospitas regiões de nosso país, diz Ricardo Dyer do INS:

«Poucas reportagens em todo o mundo se comparam a esta, pela audácia, pelo assunto e pelo êxito».

O que mais impressiona em David Nasser em suas reportagens ou livros é que além de ter incomparável experiência em buscar assunto, transporta-o para as páginas da revista ou livro com uma clareza impressionante, por-

que suas palavras ora macias, ora ardentes, deslizam suavemente.

«Não sei de alguém que fique no meio de uma reportagem de Nasser» afirma um famoso escritor, cada palavra em suas publicações tem um valor exato que as tornam insubstituíveis.

Além de reporter e escritor, o autor de «Para Dutra ler na Cama», é também o autor de várias músicas populares brasileiras de grande sucesso, citando entre outras: «Canta Brasil», «Nega

do Cabelo Duro», «Alô! América!» etc. Uma de suas últimas produções será dedicada às mineiras e chamar-se-á precisamente: «Mineira».

Realizando uma de suas

aspirações, no ano passado David Nasser esteve na terra de seus pais, a Síria, passando pela Itália, Egito e Palestina, onde, em companhia de Jean Manzon, fez sensacionais reportagens com o Papa e com o Grão-Mufti de Jerusalém.

Entre os seus planos do futuro destaca-se o de retirar-se para uma sua propriedade no interior do Estado do Rio de Janeiro onde escreverá livros, que certamente farão sucesso como o fizeram «Só meu sangue é Alemão», «Mergulho na Aventura», «Falta Alguém em Nuremberg», «Revolução dos Covardes» e «Para Dutra Ler na Cama».

Deve o Brasil a Minas Gerais, onde o seu maior reporter se educou, a glória desse que, na imprensa da Capital da República, é chamado o fundador da reportagem brasileira, dando-lhe um cunho próprio e revolucionário, e imprimindo-lhe a sua honestidade pessoal.

Disse certa vez um reporter: «Voltar ao lugar onde David Nasser esteve é encontrar, na certa, terra jornalisticamente devastada. Desafio que alguém encontre qualquer ponto inexplorado no sr. Barreto Pinto, na revolução paraguaia, nos crimes do sr. Felinto Müller ou nos mistérios orientais...»

Este é David Nasser!

A "Casa dos Três Irmãos" deseja um feliz Natal e prospero Ano Novo ao distinto publico belorizontino.

Casa dos Três Irmãos

Sempre novidades em suas vitrinês

AV. AFONSO PENA — 540

BELO HORIZONTE

Guarde seu dinheiro em lugar seguro

BANCO DO COMERCIO E DA PRODUÇÃO (COOP.)

DEPOSITOS POPULARES desde cinco cruzeiros (ISENTOS DE SELOS) - PAGA AS MELHORES TAXAS

Rua Goiás, 24 (Ao lado dos "Diários Associados")

CENTENARIOS

Certo cavalheiro inglês, um tanto original, se diverte é que se trata de divertimento — em fazer, de doze em doze meses, a recapitulação dos centenários mortos no ano.

Eis a lista relativa a 1935, recortada de um jornal velho. Contém, às vezes, como se verá, curiosas observações.

— Alexandre Guéniot, de Paris, 103 anos. Escrevera, ao 99 anos, um volume intitulado: «Como viver até aos 100 anos!»

— Charlotte Meriott, 111 anos. Trabalhara até aos 85 anos na mesma lavandaria. Bebia todos os dias dois grandes copos de cerveja.

— Anne Boswell, 101 anos. Fumava cachimbo, mas não podia ver as moças fumarem cigarro.

— Bridget Foyle, 115 anos. Nunca pôs os pés em um trem ou num auto onibus. Nos últimos 50 anos alimentava-se de nata de leite, manteiga e ovos.

— Manchukine, morto em Moscou aos 123 anos.

— Kra Bela, 117 anos, negra

de Rhodesia. Cortou todas as manhãs, até o seu ultimo dia, a herba necessária à alimentação dos seus coelhos.

— Gotcheff, 107 anos, suicidou-se em Sofia porque não tinha mais nem companheiros nem amigos.

— Thomas Niger, finou-se na Nova Zelandia com a idade de 104 anos, cercado de 110 descendentes.

— Yal Betsy, pele vermelha, 115 anos. Uma terceira dentição começava a aparecer e os seus cabelos brancos estavam sendo substituídos por cabelos pretos.

— Antonina Pshepiolkowacha, 113 anos. Com a idade de 98 anos, deixara a Polónia para se fixar no Estado de Manitob.

— Robert Sins, 106 anos, veterano canadense da guerra da Criméa.

— Flora Colins, canadense morto em Scottville aos 110 anos de idade.

— John Martin, falecido no Ontario com 108 anos.

DR. OSVALDO NOBRE



período de realizações inadiáveis, consequência do marasmo que envolveu a administração municipal na ultima época de transição política. Necessário se torna, portanto, o reajustamento dos interesses populares pelos melhoramentos de imediata repercussão coletiva. Ai está porque a colaboração dos moços se torna imprescindível para a concretização do que se firmou no discurso plataforma do prefeito Otacilio Negrão de Lima. E entre os valores de que poderá dispor o chefe do executivo municipal, destaca-se no momento o nome do atual chefe de gabinete da Prefeitura, conhecedor que é de todos os problemas que afetam a vida da cidade.

SAUDADE

Estás tão longe eu te falo, fico a ouvir-te, em desatino: — Saudade encurta distâncias. faz o mundo pequenino...

Nilo Aparecida Pinto

SAUDADE

Saudade! Só nossa língua Te traduz, te dá expressão; Nas outras a alma te mingua, Não tem voz o coração.

Leoncio Correia

JORNALISTA OSVALDO NOBRE — Desde o simples reporter de esportes ao cargo de diretor comercial dos «Diários Associados» e da Radio Guarani, Osvaldo Nobre tem sua carreira feita no jornalismo, revelando sempre elevados dotes de inteligencia e capacidade. Razões de sobra encontrou o Prefeito Otacilio Negrão de Lima ao convidar esse nosso estimado companheiro de imprensa para a chefia do seu Gabinete. Inicia-se em Belo Horizonte um



CIA DE CIGARROS
Souza Cruz

De Machado de Assis

— Nada há pior que gente vadia, ou aposentada, que é a mesma cousa. O tempo sobra e cresce, e se a pessoa pega a escrever, há papel que baste.

— Eu gosto de ver impressas as notícias particulares, é bom uso, faz a vida de cada um ocupação de todos. Já as tenho visto assim, e não só impressas, mas até gravadas. Tempo há de vir em que a fotografia entrará no quarto do moribundo para lhe fixar os últimos instantes, e se ocorrer maior intimidade entrará também.

— Quem é que esquece os discursos que faz? Se são bons, a memória os grava em bronze; os ruins, deixam tal ou qual amargor que dura muito. O melhor dos remédios, no segundo caso, é supô-los excelentes, e se a razão não aceita esta imaginação, consultar pessoas que a aceitem, e crêr nelas.

— Opinião é um velho óleo ininterruptível.

Há virtudes feitas de acañho e timidez, e nem por isso menos lucrativas, moralmente falando. Não valem só estoicos e mártires. Virtudes meninas também são virtudes.

— Creiam-me, o menor mal é recordar: ninguém se fie da felicidade presente; há nelas uma gota da baba de Caim. Corrido o tempo, cessado o espasmo, então, sim, então talvez se pode gozar deveras, porque, entre uma e outra dessas duas ilusões, melhor é a que se gosta sem doer.

SAUDADE

Saudade cheia de graça, alegria em dôr difusa, doença da minha raça, pranto que a guitarra lusa em seu exílio verteu...

Ah! Quem sentir-te não há de se foi dentro da saudade que a minha pátria nasceu

Menotti Del Picchia

ATACADISTAS

CEREAIS, CONSERVAS,
OLEOS ALIMENTICIOS,
BANHA, MIUDEZAS,
ETC.

F. ARAUJO & CIA.

RUA GUARANÍ, 482

(Esq. TAMÓIOS)

TELEFONE 2-5814

End. Telegráfico "EYDES"

BELO HORIZONTE

ARANHAS DANÇARINAS



E' no fraco inseto, imperceptível obra
que a arte do grande Obreiro mais nos impressiona

DELILLE

O LEITOR algum dia manteve relações esportivas com os peixes? É pena. Fora os peixes encaixotados no vidro dos aquários, todos eles são inquilinos dos correios, dos rios, dos açúdes, das lagoas, dos canais e, mais importantemente, do azul do lagamar e do mar-avirado.

Ora, tôdas essas repartições da natureza primam pelas suas belezas naturais. Praias costeiras, barrancas, cachoeiras, águas mansas cativam os olhos e obrigam os pintores a gastar muita tinta nas suas paisagens. Não queremos, entretanto, falar dos peixes e das suas resistências — (assunto escamôso e complicado) e até não sabemos porque eles vieram em cena. Vamos dissertar sobre as «aranhas d'água», insetos pequerruchos e de nenhum proveito culinário. Nos nossos cursos d'água, nos trechos remançosos e sem rodadinhos, é que se encontram as «aranhas d'água», numa dança contínua. Esses insetos da ordem dos hemipteros, apesar do título vulgar de «aranhas», nada têm que ver com os venenosos araquídeos. Forma linear, corpôto filiforme, cabeça dolicocefala — exagerada e compridas antenas. Tôda essa carroceria sobreposta em 6 patas longas e elásticas.

Como o leitor sabe, a água em estado de liberdade, como os animais e as árvores, tem uma pele ou uma casca. Essa pele formada de pó ou de algas microscópicas, pela sua transparência, escapa à nossa visão. Nessa invisível película é que as aranhas entendem fazer o seu terreiro de baile. Suas longas e elásticas pernas, com os pés calcados numa espécie de escovas de pelos finos, facilitam o brinquedo. Com tais sapatinhos, resvalam pelo lume d'água, leves e rápidas, como se houvessem em lições de patinação. E, assim, em assembléias de dez ou vinte indivíduos, passam as horas do dia a dançar, dançar como se a boa vida morasse em prato raso.

Se algum peixe esfaimado dá-lhe uma bocada, com um salto, a aranha escapa do seu famélico agressor. E como todo salto faz parte integrante da arte coreográfica, o bailado não se interrompe.

De que vivem, em que restaurante comem esses insetos, que só se ocupam em bailados? Certamente, vivem de expedientes, tal e qual as aranhas de pernas profissionais e quadris espetaculares, que enforcam as «boites» dos nossos teatros.

Num dia azul de primavera, à beira do rio, não havendo peixes, recolhemos os caniços. Em falta doutro assunto, começamos a observar um lote de aranhas que, no canto do nosso «pesqueiro», dançava a bom dançar. Entrementes, um redomoinho mais forte arrebatou e atirou as dançarinas em plena correnteza. Lá se foram as aranhas água juzante... Pouco abaixo, no primeiro remanso, continuaram o seu bailado, como se nada houvesse. E, assim, as boas aranhas dançando, de remanso em remanso, desapareceram na incommensurável fita de prata do rio. As margens da corrente vão surgindo como figuras dum caleidoscópio. O verde gritante da capituva, o verde-manso das árvores, o creme das areias, o branco das cascas ribeirinhas e o negro lúzio das pedras, como carécas de pretos... Que importam às boas aranhas tais cenários? Não são poetas, não são fotógrafas, não fizeram curso de paisagistas.

Que importam elas! Como as almas religiosas, tão só o céu, com os seus paramentos, acompanha-as na sua peregrinação aqua abaixo...

São nomades por excelência. Os ciganos, embora não tragam no cérebro um cisco de saudade da terra que os viu nascer, do pago, do rincão, da querência, estão por força do destino encurralado no país em que seus avoêngos fincaram suas barracas. Para vasar as fronteiras, necessitam de passaporte, de burocracia e sobretudo apren-

Alvares RUBIÃO

der a língua do país vizinho, trabalhos, estes, que, nem a gancho, vão na vida do cigano. As «aranhas d'água» não têm patriotismo a muque. Se vida longa tivessem, iriam descendo de remanso em remanso, dançando as suas valsas, até o morredor das nossas águas no Prata. E, admirável, sem se ocuparem com Peron...

Que grande lição nos prégam esses bichinhos dançantes! Só tem de si a flôr das águas e a umbêla do céu.

Deveríamos, como as aranhas, descer dançando, dançando, o encachoeirado rio dos anos até a sua fôa na «Terra da Verdade». Ao invés de dança, quantas loucuras vão os homens praticando nessa descida sem retorno!

A título de engerocarem pátrias volumosas e abrirem «espacos», vestem-se de ferro e vão aos seus vizinhos, como lobos famintos. Orgulho tão grande prégado numa vida tão pequena e com o cartaz da morte à frente! Olha para o céu! Desmancha o ferro, tão a custo falcatrado à terra, em foices e martelos! Com a manteiga e ovos até desafivelam a cinta. Beba cerveja em copázios de quatro quartilhos. Fuma bom tabaco em cachimbos de por-

Oscar Coelho dos Santos

TROCA CASA
POR TERRENO. TROCA
TERRENO POR CASA.
FAZ QUALQUER NEGÓ-
CIO DE IMOVEIS.

Deseja um feliz
e prospero Ano
Novo aos seus
amigos e fre-
gueses

Ed. Sul America — 6.º andar
Apartament 602 - Fone 2-5255
BELO HORIZONTE

celana com paisagens de Sevrès no forno. Fabrica amor tecendo cabelos de ouro com olhos azues; e, dança, dança ao som da música alemã que é ótima... Verão como as águas do rio da Eternidade se transmutarão em óleo santo, como aquele que se vai nos vasos sagrados das catedrais.

Entretanto, caro leitor, as «aranhas d'água», até hoje, têm perdido as suas lições.

Naquele azul dia de primavera, escafedemos do rio Janêma, paraufuzando estas idéias.

Casa Falci

FERRAGENS ANTONIO FALCI LTDA.

IMPORTADORES DE

Ferragens, tintas e demais artigos para pintura.
Artigos sanitarios, cimento, tubos, chapas e telhas de
— ferro galvanizado, etc. —

Telefones: Escritorio: 2-1979 — Armazem: 2-2916

AVENIDA AFONSO PENA, 529

Endereço Telegrafico: «FALCI» — Caixa Postal, 177

UNICOS DEPOSITARIOS DOS FOGÕES «WALLIG»

Depositarios de Azulejos Klabin, de Tintas Ipiranga,
de Impermeabilizantes SIKI

BELO HORIZONTE

CÉRES LTOA.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MÁQUINAS

Máquinas para indústria e Reformas de Caldeiras a
lavoura. vapor e máquinas em geral

Alambiques de cobre.
Accessórios para instalações
de vapor, gás e água

RUA AIMORE'S, 1065

Caixa Postal, 192

Telefone, 2-0484

End. Teleférico «Céres»

BELO HORIZONTE

A TROVA

Trovas, possuis raro encanto,
Mas da dôr e do amor tu saís;
Por isso tens tanto pranto,
Por isso tens tantos ais!

Trova, em tua suavidade
E eterno acento de dôr,
Deste mais voz à saudade
E mais encanto ao amor!

Trovas, possuis raro encanto;
Da dôr és filha diletta;
Porque nasceste do pranto
E ais do primeiro poeta.

Falas da saudade e do amor
No acento da singeleza;
Continue, inspira-te a dôr,
Fonte eterna de Beleza.

A trova é tal qual a flôr,
Que vive a manhã e passa:
Dela deve ter a côr,
A suavidade e a graça...

Para a trova ter a côr,
A graça e a suavidade,
Precisa dar voz à dôr
E muito encanto à saudade!

Tôda a dôr faz um poeta,
Se ainda possui o que a prova;
Tôda dôr faz um poeta,
Nasce a corola da trova.

ROMPIMENTO

Agora, é definitivo:
— entre nós, tudo acabado!
Mas o diabo é se eu te encontro
com outro, de braço dado!...

Alcides Carneiro

De Paul Gerald

AMOR

Cada criatura traz em si próprio mil razões de agradar e de desagradar. Isto é, trás em si a história do seu amor e de todos os seus amores.

O homem não tinha sido criado para amar. Foram as mulheres que lhe ensinaram o amor. Ele as ultrapassou.

Um espírito superior não se deixa nunca dominar pelo amor.

Amar é, para Ele, dilatar o amor de si próprio. Para Ela, é preferir alguém a si mesmo.

Seduzimos com mentiras e pretendemos ser amado por nós mesmos.

Juramos à mulher que ela é um anjo e lhe provamos que ela é um animal.

Ser amante é muito pouco. Ser apaixonado é excessivo.

Cada um mostra ao outro o seu retrato e o outro... mira-se no vidro.

E' a mulher que escolhe o homem — que há de escolhê-la.

O mais belo instante do amor, o único que nos deixa verdadeiramente tonto é aquele prelúdio, aquela aprendizagem: o beijo.

As mulheres não são virtuosas, mas foram elas que nos deram a idéia das virtudes.

Se fossemos completamente fortes não pensaríamos em amor.

Há muito mais amor na amizade que no amor.

CONTADORANDO

JOSÉ PEREIRA
BORGES



Após realizar brilhante curso na Escola Técnica de Comércio de Minas Gerais, diplomou-se como perito-contador na turma de 1947, o jovem José Pereira Borges.

O inteligente contadorando é figura estimada nos meios sociais de Belo Horizonte e Patos de Minas, sendo esta última cidade sua terra natal, para onde retornou afim de gerir os negócios da importante firma comercial, colocando em prática, desse modo, os conhecimentos adquiridos.

FANTASIA

Vim por todo meu destino,
e esta minh alma de poeta,
correndo como um menino,
atrás de uma borboleta...

Adelmar Tavares

REFORMADORA BAÍA

DE

Ribeiro & Avila

Pneus e camaras de ar — Peças e accessorios para
automoveis, oleos, lubrificantes, etc.

Reforma integral - Consertos de pneus e
camaras de ar

Rua da Baía, 285 — BELO HORIZONTE

Casa Palhares Comercial S. A.

ATACADISTA

Ferragens, armarinho, louças, enxadas corta
aço, perfumaria, etc.

End. Teleg.: «FERRAMENTAS»

Rua dos Caetés, 366

Telefone: 2-2206

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS

ALIANÇA DE MINAS GERAIS

COMPANHIA DE SEGUROS

1947

GOITACAZES, 15
EDIFÍCIO PRÓPRIO
BELO HORIZONTE

Apresenta seus cumprimentos com votos
de prosperidade para o Ano Novo.

1948

DO BARÃO DE ITARARÉ

A VIDA TEM CADA UMA...

Estavam todos à mesa, depois de um vigoroso aperitivo. D. Segismunda não descansava; ia de um lado para outro, falava com um, chamava a empregada, entrava na cozinha para dar ordens, instruía a copeira quanto ao serviço.

Afinal, chegou o prato forte do almoço: um cozido cheiroso, preparado como o preparam as donas de casa nortistas. E quando os convivas se apresentavam para o sensacional embate com o pardo mexido, entrou correndo na sala um garoto da vizinhança, muito afobado:

— Seu Joaquim, seu Joaquim, o seu cachorro está morto!

— Santo Deus! — exclamou logo d. Segismunda. — Será que... Eu dei um osso desse cozido no pobrezinho...

O alarme foi geral. Seu Joaquim declarou logo que algo de anormal havia no cozido, pedindo aos presentes que se abstivessem de comer, enquanto ele tomava as primeiras precauções. Algumas pessoas, porém, já haviam deguti-

do as primeiras e solidas garfadas. Por isso ficaram desaperçadas, chorando, pedindo o auxílio imediato da assistência.

Nessa grave emergência, seu Joaquim foi como um comandante de navio. Tomou todas as providências para que os seus convivas não morressem enquanto não chegavam os socorros, médicos. Fez com que todos tomassem purgativos energicos.

A casa, minutos antes em festa, logo se transformou num hospital. E quando tudo parecia bem, seu Joaquim lembrou-se do garoto que lhe dera a notícia. Agradeceu-lhe comovido a denuncia, acariciando-lhe a cabeça.

— Meu filho, salvaste-nos da morte certa. O meu querido cãozinho havia comido, como nós, aquele maldito cozido. A tua ação nunca será esquecida nesta casa. Agora, onde está o cão?

E o garoto, coçando a cabeça: — Ele está no meio da rua, coitado! Foi atropelado por um automovel...

QUE DESCONFIANÇA!

Um homem ia andando pela rua, muito metido com os seus pensamentos, e por isso não viu o buraco enorme cavado pelos operarios da Companhia Telefônica. E foi ele tão infeliz que fraturou ambas as pernas.

Levado para o hospital lá teve de permanecer uma longa temporada, com as pernas suspensas, no gesso. E aí se achava quando o visitou um advogado, que lhe propoz acionar a Companhia Telefônica, a fim de receber uma boa soma como indenização pela desgraça que lhe sucedera.

O acidentado não teve dúvidas: assinou todos os papeis que lhe apresentou o advogado. E este cumpriu a sua palavra: fez com que a empresa pagasse por aquilo vinte mil cruzeiros.

Logo que se restabeleceu, o homem foi ao escritorio do advogado a fim de receber a bolada. E qual não foi seu espanto quando o advogado, depois de meia hora de conversa fiada, tirou da carteira uma nota de duzentos cruzeiros e lhe ofereceu, com um recibo.

— Mas, que é isto? — perguntou.

— É o total da indenização, deduzidos, naturalmente, os gastos de demanda e os meus modestos honorarios...

O homem não caiu em si de de assombro. Então, era aquilo o que sobrava de vinte mil cruzeiros. Sem saber o que fazer o quer dizer, virava e revirava a nota, indignado com a desfaçatez do advogado. Este, porém, que o observava, também ficou admirado com a maneira de seu cliente e exclamou, em tom veemente:

DEPOSITO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LIQUIDANDO TODO SEU "STOCK" PARA BALANÇO!

Manilhas 0,10, de Rio Acima...	Cr\$ 6,00
Portas completas	Cr\$ 220,00
Janelas completas	Cr\$ 130,00
Cal virgem no varejo, quilo	Cr\$ 0,35
Cal virgem por atacado, quilo	Cr\$ 0,30
Cilindros para agua quente	Cr\$ 300,00
Ladrilhos de 1ª qualidade desde	Cr\$ 26,00
Tanques de cimento	Cr\$ 190,00
Carrinhos de ferro para transporte de materiais	Cr\$ 320,00
Fornos para fogão	Cr\$ 140,00
Forro de pinho Paraná de 1ª qualidade mt²	Cr\$ 24,50
Tacos de peroba do campo de 1ª qualidade	Cr\$ 28,00
Caibros metro linear	Cr\$ 2,50

Tijolos São Caetano de qualquer tipo e demais materiais para construções são encontrados no

DEPOSITO DE LUIZ JUNIOR
à Rua Euclasio, 12 — Santa Efigenia — Fone 2-5534

Consultem sem compromisso os nossos preços

— Que é que o senhor está pensando. Que a nota é falsa?

PERGUNTAS INFANTIS

Por que é que eu, afinal, não posso ter dentadura postica e pô-la dentro de um copo com água, como o papai, em vez de ter que escovar os dentes todos os dias?

Porque a mamãe chorou quando lhe disse que, se não tinha dinheiro para me comprar um irmãozinho, então, abrisse o meu cofre?

BOAS MANEIRAS

Os meninos bons não quebram vidros, porque os vidros custam dinheiro e, quando partidos, devem ser substituídos por outros vidros, o que repre-

sentia sempre um prejuizo para o dono das vidraças que foram esvaquiadas. Por isso, os meninos de bons sentimentos não praticam esses atos feios de atirar pedras contra as janelas das casas dos outros. Mas, como tudo neste mundo é relativo, há casos, entretanto, em que as ações mais reprováveis podem se tornar dignas dos maiores elogios. Assim, tudo isso que ficou dito acima não vale nada, quando, por exemplo, se trata de um menino bonzinho, filho de um pobre vidraceiro que tenha pouco servico e que não ganhe o suficiente para manter a numerosa familia. Neste caso, a obrigação do filho bonzinho é a de ajudar o seu velho pai, naquilo que estiver a seu alcance. E o melhor meio de se auxiliar honestamente a um vidraceiro que não tem servico, é partindo as vidraças da vizinhança, para que ele seja chamado para consertar os estragos e possa ganhar bastante com o seu trabalho honrado.

Em resumo: — Os meninos de carater bem formado não devem atirar pedras nas vidraças dos vizinhos, salvo se forem filhos de um pobre vidraceiro sem freguesia.



Toureiro e cavaleiro preparam-se

Até as Touradas Morrem

DOMINGOS
DANGELO



Sôa o gongo:
vai começar
a função. —

A TOURADA não chegou a plasmar uma tradição entre nós. O seu aparecimento era determinado por um costume, que, ontem, encontrava maior ressonância na alma popular, mas que hoje se vai desgastando, com tendência a morrer. De vez em quando, porém, uma tourada desperta a nossa atenção como um movimento isolado. Não chega propriamente a despertar vivo interesse, porque se sabe que sua organização obedece ao ímpeto da improvisação, como, aliás, quase tudo neste Brasil. Não tem a coragem de invadir a cidade como em outros tempos em que o seu prestígio era alto, mas se contenta em colocar nas imediações urbanas o seu pequeno círculo de madeira coberto de pano. Os que se lançam a esse empreendimento de realizar touradas sabem que elas não excitam mais a alma popular e que o gosto por elas está morrendo, como o próprio circo, que hoje só aparece como iniciativa à parte. O cinema, o rádio e o teatro tomaram conta de tudo. O circo e as touradas hoje em dia são uma pobre caricatura, uma sombra de outros anos, os anos da adolescência e da meninice, que elas conseguem trazer à tona da memória, enchendo-nos de saudade e melancolia. Oh! as gargalhadas que o palhaço arrancava das arquibancadas, oh! os desejos que

aceleravam o sangue quando a trapezista voava por cima de de nossas cabeças como uma pluma de carne!

*
*
*

No Brasil a tourada jamais chegou a constituir-se um espetáculo eminentemente popular como por exemplo na Espanha e no México. Nestes países a tourada é o esporte nacional, como é aqui o futebol, possuindo imensas praças de touros. As touradas espanholas ou mexicanas têm adeptos em todas as camadas sociais, desde as nobres às plebeias. É o povo que se mistura nos estádios avido de emoções. O esplendor das touradas espanholas atordoa o espírito, povoando-o de mil sugestões. Ali estão as mulheres de olhos negros, dos grandes leques e das mantilhas maravilhosas. As páginas que lemos de Blasco Ibañez e as cenas inolvidáveis de Valentino ou Tyrone em «Sangue e Areia» ou as focalizadas em «Santa», para só citar os mais conhecidos filmes em que as touradas são desenvolvidas com fidelidade e mostram o seu prestígio, vêm-nos à lembrança como uma onda irreprimível de larga emoção. O povo não mede sacrifícios para frequentar os anfiteatros em que os seus ídolos exibem os recursos de agilidade, de bravura e sutileza. Os espetáculos de touros em Espanha



O touro está bravo...



... mas não leva a melhor

são esplendidos tanto pelo brilho das assistências como pela magestade do cerimonial, que reflete a própria vitalidade da tradição espanhola. O público se apaixona pelos toureiros que encarnam suas preferências e se tornam seus heróis populares. Nas praças de touros os aplausos frenéticos se derramam saudando os ídolos nacionais. Mas esses aplausos só se levantam quando o toureiro é realmente possuidor de qualidades, porque o público é exigente. Paga, mas reclama milagres do matador. Às vezes, para sentir emoções violentas, exige que o toureiro dê a sua vida para maior beleza do espetáculo. Afirma-se, aliás, que os matadores na Espanha morrem mais para ficar de acordo com o público do que por estarem em desacordo com o touro.

ando como se sobre as águas houvesse passado um Deus. A tragédia foi simples, simples do mesmo modo como tantas vezes o famoso matador abatera com o seu fino aço as melhores raças das pistas espanholas. Já a multidão aclamava Manolête com as grandes vozes triunfais, quando o animal, ferido de morte, estertorando, atinge num deradeiro esforço o homem que encontrara como inimigo, para divertir milhares de seus semelhantes à custa de sua vida. Manolête caiu morto e a sua perda foi sentida na Espanha com a profundidade e a consternação de um luto nacional. Era natural de Cordova e tinha 30 anos apenas.

pressão viva, dada a maestria com que dominava um touro. Mostrou-nos recortes de jornais espanhóis focalizando comentários a seu respeito. Ficou na Espanha apenas dois anos e veio para o Brasil, sentindo nostalgia da pátria distante. Aqui, tem toureado desde que chegou, exibindo-se de cidade em cidade. Já conhece quase todo o Brasil. Em Minas é onde a tourada ainda encontra fervorosos apreciadores. E como é mineiro, ultimamente tem preferido fazer espetáculos em nossas cidades do interior. Es-

sas pequenas observações nos foram prestadas por «Cobra», quando, ele mesmo foi levar ao jornal em que trabalhamos a notícia da tourada que seria levada a efeito no Carlos Prates. Convidou-nos com insistência e no domingo lá estávamos firmes sobre a arquibancada para presenciar uma autêntica tourada mineira: sem aparato, sem cerimonial, sem o esplendor das praças espanholas. A arena era improvisada, cercada de paus toscos, em torno dos quais se colocavam as arquibancadas. (Conclue na 2ª página)



«Cobra» agradece as aclamações, montado no touro

Esse episódio da morte de Manolête poderia parecer uma simples divagação literária ou uma digressão sem a menor importância como simples fuga ao assunto para a fixação de um fato, que, aqui no Brasil, foi amplamente divulgado. Mas tem, por estranho que pareça, uma curiosa relação com a despretenciosa reportagem sobre touradas em Minas. Num desses espetáculos de touros que presenciamos ultimamente, nos arrabaldes de Belo Horizonte, o toureador era um homem que já havia feito exhibições na Espanha e lá conhecera Manolête. Chegou mesmo a participar de uma tourada onde Manolête, como sempre, constituía a nota de maior atração. João «Cobra», tal o seu nome, contou-nos que o seu conhecimento com Manolête fôra ligeiro e superficial, mas que do matador Cordobê guardava uma im-

A propósito da morte de toureiro, a Espanha está pranteando agora a perda do seu maior matador de touros: Manoel Rodrigues, o «Manolête». Morreu na tarde em que alcançava uma glória e em que um público enorme, não contendo a explosão de seu delírio, o endeu-sava como poucas vezes o fizera. Era o ídolo dos anfiteatros de touro, porque sabia dominar as feras enfurecidas e encarnava no donaire e dos passes de grande sutileza o tipo dos matadores furiosos, como se lê nos livros e se vê no cinema. A multidão não sopitava o entusiasmo quando Manolête entrava na arena. Era um estrepito indiscutível e a massa de homens e mulheres tinha a beleza do oceano em fúria, onde-

**PINHO
DO
PARANÁ**

Somalia

R.ESP. SANTO, 115-ESQ. GUAICURUS
TEL. 2-1825-CX. POSTAL, 326

Até as Touradas Morrem

(Conclusão)

envolvidas de um pano amarelo e velho, que vedava comunicação com a rua. Sim, porque o espetáculo era pago. Havia muita gente, e a tourada começou quando as acomodações foram totalmente tomadas. A essa altura, os mais impacientes já denotavam irritação, gritando constantemente «está na hora». Então, apareceu na arena um homenzinho baixo, vestindo bombachas e na cabeça trazendo um chapéu, que mais parecia um cogumelo. Pediu silêncio e dirigiu-se ao «respeitável público», anunciando que o espetáculo ia começar. Daí a instantes, o toureiro entrou na arena. Sua indumentária não apresentava qualquer semelhança com as vestes clássicas de um matador de touros. Era simplesmente um vaqueiro, que trazia às costas o pano vermelho e em vez das botas com esporas protegia os pés com um sapato «tenis». Sua figura não suscitou impressão favorável e os aplausos exigidos não tinham nada de animador. O toureiro tirou o chapéu para cumprimentar a assistência. Comunicou ao homem de bombachas que podia mandar vir o touro. Fez-se um pequeno silêncio e ouviu-se um

pesado tropel. Era o touro que penetrava na arena. Um touro propriamente não, um boi comum e curraleiro. Mas estava enraivecido e isto era o bastante para animar o espetáculo. Começaram as investidas do animal e o toureiro desviava-se habilmente. Viu-se dentro em pouco que os recursos do toureiro eram largos e numerosos. Desvencilhava-se muito bem e, até com elegância, dos golpes do boi bravo. Os primeiros aplausos se desgarravam es-

pontâneos das arquibancadas. «Cobra», sacudindo a capa vermelha, convidava o seu adversário à investida. Este escarvava o chão, babava e arremetia contra aquela mancha es-carlate que flutuava nas mãos hábeis do seu inimigo. Desenvolvia uma carreira velocíssima e metia os chifres no ar. Outra vez o convite à investida e novamente o malogro do touro. A multidão aplaudia e o animal mais se enfurecia, experimentando toda uma série de golpes baixos e traiçoeiros afim de atingir o toureiro. A luta tornou-se intensa e dinâ-

mica. O touro aprofundava o seu empenho de atingir o homem da capa vermelha. Insistia em continuos ataques, mas estes não surtiavam efeito, acabando por cansá-lo. Então, o toureiro pôde exercer mais nítido domínio. Deu-se ao luxo de fazer passes de costas, zombando do furioso inimigo (um golpe digno de Manolête). Depois, passou a tourear de joelhos e por fim alçou-se ao dorso do boi, montando-o. Com mais dois boi «Cobra» praticou a mesma série de passes e golpes, dominando amplamente. Em dada ocasião, quando o seu adversário demonstrava cansaço, deixou-se atingir pelos seus chifres, nos quais se agarrou, passando após a montar o animal. Os aplausos cho-veram como homenagem ao trabalho de Cobra. Mas não se viram flores lançadas à arena, nem mantilhas se agitando no auge do entusiasmo, nem beijos atirados nas alegorias triunfais. Realmente, não estávamos na Espanha. Não estávamos assistindo Manolête. Estávamos em Minas, onde as touradas são tão modestas, toscas e rudimentares e onde se pega o touro à unha. Lembremo-nos de como esses espetáculos nos divertiam nos verdes anos da nossa vida. A tourada teve pelo menos o poder mágico de recordar-nos tempos alegres que já vão longe.

CASA REAL

SEMPRE NOVIDADES EM
CASEMIRAS E LINHOS

Salvador Amantéa

RUA DA BAIÁ 886
Junto a Charutaria Flor de Minas

Belo Horizonte

O Chapeuzinho Vermelho E OUTRAS HISTÓRIAS

Lucia Miguel
Pereira

PUBLICARAM recentemente os jornais um telegrama de Londres comunicando ao mundo todo que provavelmente as crianças inglesas não ouviriam mais contar a história do Chapeuzinho Vermelho: uma sociedade cujo nome não me ocorre, mas que imagino composta de graves e rebarbativos pedagogos, pedira ao governo a proibição desse conto infantil, acusado de despertar o medo e provocar assim mais tarde funestas consequências.

A Menina do Chapeuzinho Vermelho, tão bonita, não entrará mais nas «nurséries», se é que ainda existem «nurséries» na Inglaterra: uma ordem severa e sem dúvida de grande sabedoria vai retê-la do lado de fora, mais desamparada do que na floresta em que encontrou a fera de ânimo devorador e astucioso. Será certamente de imenso alcance a medida proposta, destinada a preservar do medo meninas que, se escaparam aos bombardeios aéreos — muito mais aterradores do que um lobo, ainda ferocíssimo, foi pelo preço da separação dos pais, da súbita retirada para um meio desconhecido, sem avós velhinhas para visitar, nem mães que lhes compusessem lindos chapeus. Mas aceitemos que a imaginação despertada pelo conto seja mais perigosa do que a realidade, não discutamos a autoridade de pedagogos, e pedagogos ingleses. Nesse caso, o que nos passa a causar pânico é apenas a exclusividade. Porque excluir da literatura infantil, com a pecha de pernicioso, o Chapeuzinho Vermelho, e deixar em liberdade a Branca de Neve com a sua aterradora madrasta ou o sanguinário Barba Azul? Outras histó-

rias deveriam ainda ser examinadas com o mesmo rigor, que não sei entretanto se têm curso na Inglaterra, como a da Moura Torta ou a de João e Maria, onde dois pequenos são abandonados pelos pais que, não os podendo sustentar, preferem que vão morrer longe. A única diferença consiste em que todas as outras acabam bem, ao passo que no conto de Perrault o fim é dramático, destinado a convencer os jovens leitores de que

... de jeunes enfants,
Surtout de jeunes filles,
Belles, bien faites et gentilles,
Font très mal d'écouter toutes sortes de gens.

Conselho prudente e salutar, seja dito de passagem. Mas, ao menos aqui no Brasil, a instintiva sabedoria das mães tem corrigido a má impressão final, fazendo intervir um providencial caçador que mata o lobo, e lhe tira de dentro, vivas e lampeiras, a avó e a netinha, esta para sempre curada do hábito de prestar ouvidos sem saber a quem. Nunca terá o mesmo recurso sido lembrado na Inglaterra?

Com o acrescimento, porém, ou sem ele, não me parece nefasta essa inocente história que tantas gerações têm ouvido. Não apelarei todavia para o seu exemplo afim de defender o conto tão graciosamente narrado por Perrault: o triste mundo em que vivemos demonstra à saciedade, a mesquinhez, a covardia, a incapacidade dos homens. Se para tão desconsolador resultado contribuiu, ainda numa parcela mínima, o Chapeuzinho Vermelho, urge destruir essas páginas nefandas. Mas convenhamos que tal julgamento seria estranhamente semelhante ao de «Les animaux malades de la peste», em que



La Fontaine faz um júri de animais condenar à morte um humilde burrico culpado do crime de se haver deliciado com o alheio capim, e espantar-se dos delicados escrúpulos do leão que confessava ter devorado rebanhos inteiros, com pastores por sobre-mesa.

Sem faltar com o devido respeito aos pedagogos britânicos, não me convenço de que uma criança se possa desequilibrar só por ter sabido que um lobo, nos tempos em que os bichos falavam, comera uma menina. Certo, é lamentável que incutam tão frequentemente o medo ou outras sensações igualmente depressivas as histórias com que se distraem os pequeninos; talvez reflitam um larvado sadismo, talvez provenham da necessidade que sentem os adultos de transmitir, embora disfarçadamente, os ecos das suas decepções aos seres ainda não marcados pelo sofrimento. E' fora de dúvida que devem ser repiados esses movimentos malsãos; mas, por outro lado, para que mostrar às crianças só a alegria, a bondade, a felicidade, se para a imensa maioria das criaturas nada disso chega a ser mais do que palavras?

Cada frase que se diz aos meninos, cada gesto que se faz diante deles contribui para a sua educação, e é isso que torna tão pesada a responsabilidade de quem lida com essa gentinha misteriosa. E educar é, afinal, vacinar contra os impulsos máus que todos têm e contra os choques que a todos aguardam, criar defesas e reações, fortalecer sem endurecer, dar resistência sem agressividade. Ora, se se imuniza o organismo inoculando os vírus em doses infinitesimais, por que

não submeter o caráter ao mesmo tratamento? Desgraçado de quem cresce acreditando que só encontrará doçuras e carinhos, que tudo lhe será fácil e doce nesta vida tão áspera; ao primeiro tropeço desanimará, se dará por vencido, procurará a sombra estéril da obscuridade. Iludir, fazer crer que não andam lobos — no sentido figurado muito mais do que no próprio — soltos por estes mundos de Deus, é desarmar quem fatalmente os terá que enfrentar. Sem desanimar nem impressionar, é necessário ir prevenindo as crianças de que viver é ofício duro, feito para os fortes, cuja audácia não exclui a generosidade, e, ao contrário, a implica.

E que melhor meio há para isso do que as narrativas que primeiro as transportam para além do âmbito doméstico? Que através delas aprendam a ser prudentes sem ser poltrões, a ser compassivos sem ser piegas, a ser bons sem ser explorados. Se tal não fizerem, bem cedo terão que adquirir à própria custa o conhecimento que muito mais suavemente pelo exemplo poderiam ganhar: basta que convivam com camaradas de sua idade para serem compelidos à luta. Porque a verdade é que nesses minúsculos seres de olhar inocente e fala cândida já se escondem germes de futuros defeitos. Como dizia Machado de Assis, o menino é pai do homem.

Fabricando um mundo puríssimo para uso dos infantes, corre-se o risco, talvez ainda maior do que o de enfraquecê-los, de fazê-los julgarem-se vergonhosas exceções. Com efeito, como explicarão de outro modo as fraquezas que em si descobrem, os pequenos atos de maldade que praticam, os sentimentos mesquinhos que por vezes os dominam? Jean Jacques Rousseau estava errado, o homem não nasce bom: a mentira, a inveja, o egoísmo são naturais nas crianças. De que servem pois criá-las como se nada disso existisse, senão para lhes comunicar a penosa impressão de serem piores do que os outros?

Que ouçam em liberdade as suas histórias, muitas histórias, e por elas vejam que a dor é o avesso da alegria, as lágrimas do riso, a virtude do vício, que de tudo isso se compõe a vida com as suas duas faces opostas e inseparáveis.

CORINGA

A nova casa de calçados da Floresta está oferecendo vantagens excepcionais - Av. do Contorno, 1390 - Ao lado do Cine Odeon. Vale a pena uma visita

QUILOMETRO 1126

RUMO AO TRIANGULO E A GOIÁS — CAMPOS NATAIS — LIRISMO DOS QUINTAIS VETUSTOS — "CAI AOS PEDAÇOS" A MAIS EXTENSA FERROVIA BRASILEIRA — ORELHAS DE MIDAS — AINDA CREIO NO BRASIL — DUTRA, TENENTE E O SEU "SOSIA" — GOIÁS DAS ARABIAS

Texto de Floriano de PAULA

FOI precisamente em um outubro, ao cair das chuvas, há longos anos, que vim definitivamente do sertão. Se é que ainda se pode denominar sertão as rudes e amoráveis margens do meu Paranáiba.

O noturno da Rede Mineira conduz muitos romeiros: peregrinos que veem de Urucânia, aonde foram à procura do novo taumaturgo, o já famoso Pe. Ribeiro Pinto. Vários deles retornam desiludidos: não encontraram os milagres que procuravam. Também, muitos queriam milagres absurdos. A meu lado viaja uma moreninha que andou do centro de Goiás a Urucânia e daí retornava. Carregava uma cesta cheia de frascos de água benta. — Ganharei muito dinheiro com esta água —, disse-me com certo sorriso que me pareceu pouco católico.

TIGRE, plena serra do Urubú, onde tudo foi mata e hoje, morros pelados. O vale que vai

ou doze anos sem melhoria na Rede. Outros descarrilamentos nos esperam. Perde-se o trem que vai de Ibiá a Monte Carmelo e daí a Goiás. Pernoite forçado em Ibiá: no hotelzinho — dois e três num só quarto, camas nos corredores, camas sobre as mesas. Alegria indisturbada do hoteleiro. Murmura-se que há um acôrdo secreto entre os chefes de trem e os hospedeiros.

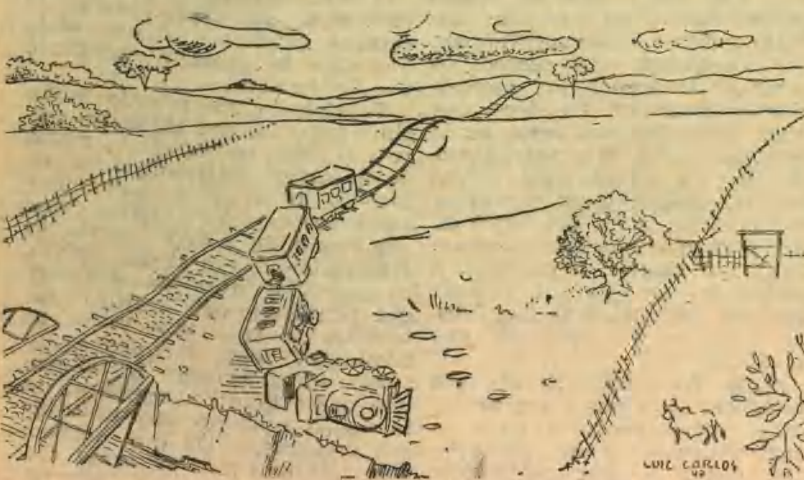
VELOCIDADE MAXIMA — —

Ibiá é uma pequena cidade. O mais importante aí é a placa que a Prefeitura colocou na entrada da cidade. Nela se lê textualmente:

AVISO

NAS RUAS VELOCIDADE MAXIMA 15 KILOMETRO A HORA MULTA ... CR\$ 50,00.

Apesar dos erros de linguagem, a placa trás grande conforto — 15 quilômetros a hora:



a Tigre, por quilômetros, nas duas margens da via férrea, está arado e pronto para as sementeiras. Mas a chuva não cai. Vêm-se caras desanimadas ante a inclemência do verão. Em Tigre dez horas de atraso. Descarrilamento. Não há dormentes em bom estado na linha. Herança da ditadura: dez

segurança absoluta para o pedestre; nenhum perigo de atropelamento. Merece (pois não!) uma herma o prefeito que mandou vigorar essa postura!

Dizendo que essa placa é a coisa mais importante de Ibiá, não expressei bem a verdade. Ibiá ostenta outra curiosidade

notável: o lindíssimo jardim que rodeia a igreja, enchendo a praça principal da cidade.

CAMPOS NATAIS — — — —

O trem transpôs o rio São João; galgou colinas e alcançou a primeira estaçãozinha dentro das terras patrocínenses. Desce a tarde. Os olhos se estendem pelas vastas campinas e repousam nas suaves e longínquas serras do Salitre e do Dourados. Campos natais. Emoção e poesia. Então, a vida áspera da metrópole ainda não matara o coração! Serei eu mesmo? Os doces fantasmas da infância e da juventude sarabandavam em atropelo no coração remocado...

Crepúsculo no ar macio. O comboio corre agora pelo fundo vale do Salitre. Gados, plantações, lareiras. Mais planícies. As primeiras estrelas. Depois, ponteiaram as luzes da cidade — Eis-me na minha Patrocínio.

Esta primeira noite em casa do velho amigo João Arantes, que me hospedou, enche-me de qualquer coisa de estranho. Há quantos anos não sinto esta paz imensa, esta confortadora beatitude, esta deliciosa despreocupação. Beatitude que penetra como um óleo santo, refrigerando o corpo e o coração. Há quanto tempo não dormia assim?

Selvita, esposa de meu hospedeiro, é a mulher forte do Evangelho. Espantosamente diligente, trabalha sem contar as horas. Criou os filhos; agora cria os netos e, certamente, ainda vai criar os bisnetos. São assim as mulheres de minha terra.



VELHOS QUINTAIS — — —

Os meninos que deixei são agora homens. As meninas tornaram-se moças; muitas são mães; algumas já avós. H



centenas de casas entre as antigas moradas. Mas é ainda a minha cidade, pois que ainda existem os grandes quintais.

— Homens prosaicos das metrópoles, sabeis o que é um grande quintal ensombrado? Cheio de árvores amigas a cuja sombra construímos casinhas levantamos currais, erguemos «círcos de cavalinhos»? Em cujos galhos dependuramos garrafas? Árvores discretas cuja sombra trocamos os primeiros beijos com as namoradas? A cuja sombra fresca aveludada dormimos a sesta, ignorando que o mundo existe?

Ainda reví algumas das velhas árvores da casa onde passei a infância. Hoje nela moram Nhônho Arantes. Serei eu mesmo, o menino de outrora, que grimpava nestas copas veneráveis, garoto inocente e feliz? — De novo, à sua sombra, sinto diluírem-se os venenos e as amarguras que a Vida instilou em mim: amacia-se de novo a alma ressequida.

AMIGOS DE ANTANHO — —

Agora é a peregrinação aos velhos amigos. Muitos, parece-me, não envelheceram. Zequinha Silvestre com seus noventa e três anos alacres e lépidos. Santoninha, cabôcla forte



com seus oitenta e vários. Rosenda, que me carregou em pequeno, desafiando o rosário dos invernos. Quinquim dos Santos entre livros e antigos documentos: é o historiador da cidade. Zulmira de Rezende com suas flores e suas maravilhosas louças antigas, também contando oito decênios risonhos. Chico Arantes, que me levou à pia baptismal. Teodorinha Alves que não percebe os primeiros fios de prata, ocupada demais com seu jardim. — Belmiro Ribeiro, Abel Alves. — João Cobério e Rita, casal feliz. — Zé dos Santos e Maria, envelhecendo pacíficos e felizes, sem notarem a sucessão dos dias. — Guinha Andrade, fio de luar através dum vitral. — E, entre tantos outros, os inúmeros antigos operários que trabalharam comigo e que, ao apertarem-me a mão, traduziam a saudade dos tempos de labuta comum. — Alirio de Melo, músico impenitente, a recordar-me as velhas bandas de Zé Marçal e de Cirilo, charangas dos tempos heroicos do dobrado 202, da valsa «Viana», da «Sobre as ondas», das retretas à porta da velha Matriz, após as novenas, horas propícias aos namoros inocentes, quando ainda não havia rouges e batons: ingênuos tempos das tranças, dos «coques» e das saías compridas.

A velha matriz foi substituída por outra, maior, imponente, moderna. A antiga possuía largas escadas de pedra onde, meninos, assentávamos à tardinha, a contar histórias. Nessas bíblicas épocas não havia futebol, nem picolés; nem cinema, nem Gibi. Contar histórias era a única distração da garotada. Às nove da noite o sino da cadeia soava a hora de «correr para casa», findando a tertúlia.

— Na noite macia e fresca falta uma sinfonia. A das grandes casuarinas, espécie de «pi-

nus australianas», que enfeitavam várias ruas da cidade. Eram enormes e as brisas noturnas fazendo-lhes as copas frondosas ciciarem, num «chôpo» apaixonado, embalavam-nos para o sono. Foram todas derrubadas.

O AMIGO QUE SE FOI — — —

Nesta formosa tarde estival deste claro domingo perdi um velho amigo: Otávio de Brito. Morreu suavemente, ao entardecer, depois de uma existência bem vivida. Sua morte entristeceu toda a cidade. Veio de Sergipe, jovem, casando-se em Patrocínio, onde constituiu grande família. Sendo farmacêutico foi, entretanto, por longos anos, autêntico médico, a prestar largos serviços. Químico consumado, industrializou as águas minerais do município, criando produtos afamados. Amizades, política e a caridade impediram-no de acumular fortuna. Seu enterro foi uma emocionante despedida: toda a cidade acompanhou, comovida, seus despojos à derradeira morada.

INTERMEZZO — — —

Oito e meia da manhã. O trem apita. Somem a cidade e seus quintais ensombrados. Depois desaparece também a alta e esguia torre da Matriz. A Tristeza dos Regressos, como o diria Justino de Montalvão.

Sucedem-se série de reflexos cerebrais e lembranças várias. Em atropelo. Vertiginosamente. Selvita e João Arantes, mais irmãos que amigos, no abraço derradeiro. Jantar que Carlota e Orlando ofereceram a mim e a Moacir Barbosa, melhor que quanto banquete em que tomei parte na metrópole salobra e cosmopolita. Abel, Gastão e Salvador, com seus ditos e pilherias, numa eterna euforia. Licor saboroso feito por Otilia. Quitutes deliciosos de Maria Brito. Rita e Cobério estendendo-me as mãos rudes, fortes e leais. Sarabanda estonteante de reflexos e lembranças. Fecho os olhos. O trem range asperamente nos trilhos — tristeza dos regressos — pois que esta partida é um regresso.

— Tornarás a ver tua Cidade? — pergunta o demiurgo indormidamente que mora em mim. E a pergunta fica a bailar, irritante, num desolado dueto com o ringir áspero das rodas nos trilhos.

PARA GOIÁS — — —

Estamos, assim, de novo, num pouco limpo, nada asseado e velhíssimo carro da RMV, rumo a Goiás. — Em Celso Bueno descarrilamento. Longas horas de espera: os trilhos despregaram-se. A linha está to-

da assim: dormentes pódres é a regra. A mais extensa rede ferroviária brasileira desmantela-se: «cái aos pedaços», si se pudesse aplicar-lhe a expressão.

Um cego que veio de Urucânia passa de carro em carro pedindo esmola. Cai uma chuvinha fina, amorável e algo melancólica, sobre os imensos e calcinados chapadões de Monte Carmelo. Agradecendo as esmolas, o cego toca na sanfona melodias tristes. Mas viaja também no comboio um moço de Goiandira, que conduz uma concertina: quando o cego parou sua caudição, o moço empunhou a concertina. E tocou bem, músicas alegres e vivazes. Ante a superioridade do músico goiano, a tristeza do cego ficou ainda mais triste.

Agora o trem desce para o Paranaíba: Grupiara, estaçãozinha e n' plena zona que foi enorme mata: hoje tudo derrubado: lavouras ou pastagens. Mas, como atestado das antigas florestas, pontelam as palmeiras, aos milhares. O grande e amado Paranaíba está vazio: a caudal não é mais que modesto correto, no fundo do leito profundo e largo. Mostra visível e eloquente de que a seca devasta os sertões. Transposta a ponte, extensa e bonita, penetramos nas paragens goianas, através de imensos chapadões. Três Ranchos é a primeira estação. Povoado que surge criado por garimpeiros. Manhã de neblina (que milagre!). Um cafézinho na estação. A mulata que no-lo vende, erra no troco a nosso favor: boas entradas, pois não... nas terras do grande Estado. Tomam o trem criadores abatidos com a devastação da seca nos rebanhos que morrem à mingua de pastagem, procurando capim verde nos «resfriados», nas margens dos ressequidos brejos. Arranca o comboio; campinas sem fim: Ouvidor e Catalão, onde foi juiz o nosso velho Bernardo Guimarães. Catalão apresenta uma curiosidade: um templo bem grande, fora da ci-

dade, num morro: a Igreja de São João.

ORELHAS DE MIDAS — — —

Afinal, em Goiandira. — Quilômetro 1126 da Rede Mineira de Viação. — Último quilômetro. — A cem metros da estação da Rede fica a da Goiás. Entre as duas, a via férrea passa em profundo corte: coisa que muita cidade inveja, leito que pode ser subterrâneo. A dádiva do terreno não foi aproveitada.

Os passageiros da Rede, em razão do atraso, perdem o trem da Goiana. Parece burrice haver duas estações, as duas estradas podiam ter uma só. Mas a burrice é outra, explica-me o chefe da estação:

— O vagão de sal sai de Angra dos Reis, quilômetro Zero e chega a Goiandira, quilômetro 1126. Depois de viajar 1126 quilômetros é o sal descarregado, armazenado; para, dia ou dias depois, ser carregado o vagão da Goiás. Perda de tempo, despesa com a carga e a descarga, espaço ocupado na Estação com a mercadoria. Isso, senhores, para viajar mais umas poucas dezenas de quilômetros! — Bastava engatar o vagão da Rede na Goiana. Inda há diretores de estrada de ferro com orelhas de Midas.

SEM CONSTRANGIMENTO — — —

Aqui estamos, eu e meu pai. Longas horas, noites a dentro, nesta pacata Goiandira. Assentados frente a frente, a uma mesa onde há do gostoso fumo goiano e esplêndido café. Sucedem-se os cigarros e os goles da bebida. Quantos de vós, leitores, já sentiram o imenso prazer de ficar assim a prosar com o «velho», sem constrangimento, sem recalques, como antigos camaradas e velhos amigos? — Principalmente quando o lastro emocional, cultural e psicológico é mais ou menos equivalente?

PORQUE AINDA CREIO NO BRASIL — — —

Goiandira tem duas estradas de ferro e uma rodovia. Não (Conclui na página seguinte)

PROCURE CONHECER A FAMOSA FABRICA DE ROUPAS

Camisas, Pijamas, Cuecas, Blusões, Calças

TECIDOS POR ATACADO

ABDALLA FARAH & CIA. LTDA.

Rua dos Caetés, 369 - Telefone 2-2423

BELO HORIZONTE



BANCO BELO HORIZONTE, S. A.

Faz todas as operações bancárias e paga as melhores taxas de juros

Empréstimos sob caução de apólices. Compra e vende apólices do Empréstimo Mineiro de Consolidação, São Paulo, Bergamina, Pernambuco e Porto Alegre e paga os coupons de juros das mesmas. Adquire Obrigações de Guerra e coupons

===

Consulte as nossas condições de venda de apólices a prestações, com direito a milhões de cruzeiros de prêmios anuais: mensalidades de Cr\$50,00 e Cr\$60,00 para Certificados de 5 e 6 apólices diversas

ENDEREÇO TELEGRÁFICO — "BELBANCO"

CX. POSTAL, 519 — AVENIDA AMAZONAS, 328

FONES: 2-4514 2-4351

QUILOMETRO 1126

(Conclusão)

possue, entretanto, água canalizada, luz elétrica e outros recursos medianos e fundamentais de aglomerado urbano. Suas administrações públicas não cuidaram disso.

Espanta, porém, encontrar-se ali um grupo escolar que dispõe de uma fábrica de manteiga para ensino profissional. E constrói-se na cidade uma vasta maternidade e um respeitável centro de puericultura; e possui um posto médico que cuida de toda a população infantil. A maternidade, o centro e o posto representam um assombroso esforço — trabalho de um único médico, aliás Goiandira só conta com um esculápio: o dr. Joaquim Carneiro Neto, que prefere sua pequena cidade a um grande centro.

Isso é simplesmente heroísmo. — Ainda creio no Brasil, apesar do trabalho ingente dos políticos, empenhados em arrazá-lo.

E', sem dúvida, (e o vi com meus olhos), enorme a labuta que desenvolvem no Posto o dr. Neto, uma enfermeira e uma economista: um médico tratando de toda a população infantil da cidade e dos arredores, preparando uma geração para ser sadia. Bom clínico, o dr. Neto po-

deria viver folgadoamente num grande centro. Mas está radicado em sua terra natal, dando-lhe o melhor de seu esforço. Ainda creio no Brasil, «malgré-tout».

COMPANHEIRO E «SOSIA» DO PRESIDENTE DUTRA —

Entre os que conheci em Goiandira, figura Vitalino Felipe do Nascimento, oficial de justiça. Foi soldado do hoje General Dutra, na «revolta do Bento Xavier».

Ninguém ignora que a Cia. Mate e Laranjeira era um polvo em Mato Grosso, explorando, como escravos, os sertanejos. Um gaúcho, Bento Xavier, resolveu acabar com a odiosa organização. Reuniu bolivianos, correntinos, paraguaios e mato-grossenses em 1905 e iniciou a luta pelas armas contra a Cia. Mate Laranjeira e, consequentemente, contra o poder público. Durou três anos a campanha. Dutra era então tenente, servindo na guarnição de Campo Grande, que não passava de pequeno povoado. Todos os moços da região foram mobilizados, inclusive Vitalino que ali morava. Bento Xavier foi batido após áspera luta, em 1907.

Vitalino disse-me que Dutra era «valente como o diabo». Acontece também que Vitalino é um «sósia» do general presidente: parece mais corpulento, mas a semelhança é notória.

GOIÁS DAS ARABIAS —

Entre os episódios pitorescos da passada vida goiana, registre-se este, colhido em Goiandira:

— Em Campo Formoso, ao tempo em que Totó Caiado governava Goiás, havia um jornalista, aliás muito conhecido, jornalista e advogado, Egerineu Teixeira, das hostes oposicionistas. Tudo o que peticionava no Fôro era indeferido. Perseguido como cão danado: assim era a política naqueles tempos.

Certo dia, Egerineu resolveu mudar a roda do destino e escreveu um artigo elogiando Totó Caiado. Este mandou buscar o jornalista e perguntou-lhe o que desejava, pois tudo o que quizesse lhe seria dado. Egerineu pediu o título de delegado de polícia, um cabo e duas praças. O presidente goiano deu as respectivas ordens. Egerineu passou no quartel de polícia com um caminhaço, apanhou um cabo e dois soldados. Ainda entrou no caminhaço a amasia do cabo com um papagaio. Rumaram para Cam-

po Formoso onde deram uma «volta» pela cidade: todo mundo, do juiz ao último «pé rapado», todos tiravam o chapéu amável e sabujamente para Egerineu. No dia seguinte, um oficial de justiça procurou o ex-oposicionista e levou-lhe 500 mil réis:

— Mas nada requeri e nada tenho a receber no Fôro, disse Egerineu!

Ao que replicou o meirinho:

— Se o Sr. Juiz mandou entregar-lhe o dinheiro é por que o Dr. requereu alguma coisa. Isso lhe «coube» na partilha de um inventário.

E foi assim que, com um cabo, dois soldados, título de delegado, a companheira do cabo e um papagaio, Egerineu Teixeira ficou sendo o sóba onipotente de Campo Formoso.

A TRISTESA DOS REGRESSOS

Treze horas. Sol de rachar: deixamos Goiandira. — Adeus, vida boa de sertão, vida priméva e pacífica! O trem rôla rumo a Minas para a vida insôssa das cidades cosmopolitadas. — Adeus, magia das matas, dos rios bravos, das campinas livres e imensas onde ponteiavam os buritis, «veneráveis eponimos» do sertão. O combóio range asperamente nos trilhos.

Padaria e Confeitaria MARTINI

Instalações moderníssimas :::: Produtos de fina qualidade

PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS

RUA TIRADENTES -- 127 -- 133

MARTINI

Um nome que é tradição na vida belorizontina

FORMATURAS

Nove Bachareis e um Medico na Familia Jornalística

Varios elementos pertencentes aos «Diarios e Emissoras Associados» colaram gráu este ano pela Universidade de Minas Gerais. Depois de um curso trabalhoso, no decorrer do qual uniram as preocupações da vida academica á luta pela existencia, esses brilhantes moços vão ingressar nas carreiras que abraçaram credenciados a conseguir êxito certo.

Além da experiencia que já levam para a vida prática, souberam se distinguir pelo amor aos estudos e pela inteligencia durante o curso superior, reunindo uma cabedal de cultura que muito os auxiliará nas lides profissionais.

Em setores diversos, continuarão a prestar á coletividade o concurso do espirito público que vêm revelando através da imprensa e do rádio, onde tão bem se têm batido pelas causas do povo e o bem estar social.



Ao todo são dez funcionarios dos «Diarios e Emissoras Associados» que recebem o diploma dos cursos superiores, sendo nove bachareis e um doutor em medicina.

Ao alto, da esquerda para a direita, vêem-se os graduandos: Britaldo Silveira Soares, Helio Adami de Carvalho, Helton Brant Aleixo, Edson Boni-

Jacio Costa, Rafael Tarnopolski, o único médico da turma, e, em baixo, na mesma ordem, Ricardo de Carvalho, Paulo Campolina Sá, Jeová Amaral, Antônio Pereira de Sousa e Benedito Tondela Junior.

Presteza - Pontualidade - Exatidão

Fatores essenciais em serviços bancários

O BANCO CREDITO E COMERCIO DE MINAS GERAIS, S/A, VEM MERECENDO A CONFIANÇA DE SEUS CLIENTES E AMIGOS MERCÊ DE SUA CUIDADA ORGANIZAÇÃO, PELA OBSERVÂNCIA CONSTANTE DAQUELES ELEMENTOS DE ÊXITO E PRODUTILIDADE DE TRABALHO.

AGENCIAS:

AIMORÉS
ALVINÓPOLIS
BRAZÓPOLIS
CONS. LAFAIETE
CONS. PENÁ
CRISTINA
GOV. VALADARES
GUAXUPE
ITANHANDU
ITUMIRIM
JACUTINGA
JUIZ DE FORA

MONTES CLAROS
OURO FINO
PARAISÓPOLIS
RESPLENDOR
SALINAS
STA. RITA DO SAPUCAÍ
S. DOMINGOS DO PRATA
S. GONÇALO DO SAPUCAÍ
SÃO JOÃO DEL REI
SENADOR FIRMINO
SILVESTRE FERRAZ
UBERABA

TRANSFORMADORES
ALTERNADORES
MOTORES
DINAMOS
BOMBAS
MATERIAL ELÉTRICO EM GERAL

“CHARLEROI”

MOREIRA & CIA.

RUA GOIÁS, 18 — CAIXA POSTAL, 569
TELEG. «MORCIA» — FONE: 2-0684
BELO HORIZONTE

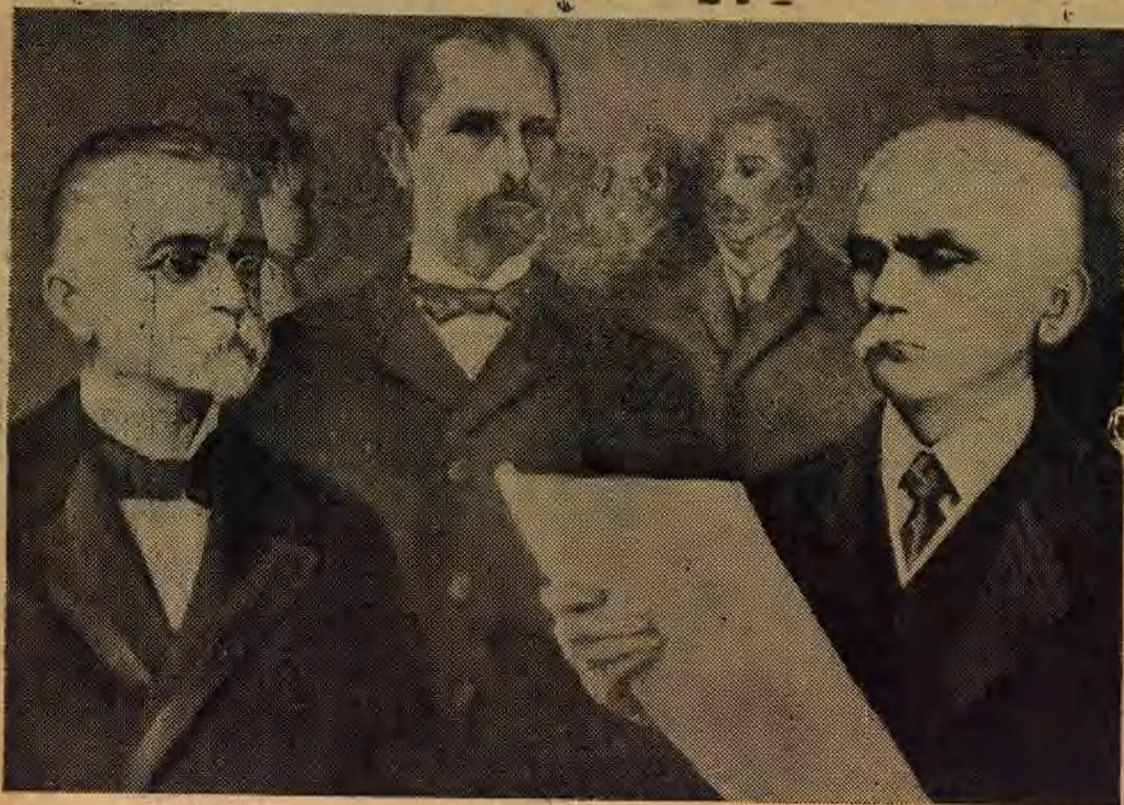
Os verdadeiros quadros do Cinquentenario

Oito telas que merecem um lugar no Museu de Belo Horizonte -- O valor da «Historia» de Abilio Barreto

Reportagem de OSWALDO NEVES MASSOTE Dos "Diários Associados"



«Vaticínio do padre Arantes», é o nome desta tela. Mostra o vigário da Boa Viagem quando escrevia sua carta de 1829 ao bispo de Mariana. Reproduzida de um retrato, a Igreja da Boa Viagem



12 de dezembro de 1897. Bias Fortes e Afonso Pena em primeiro plano. Ao fundo, Francisco Bicalho. O artista Henrique Oswald, nesta tela, fixou um momento histórico dos mais importantes para Belo Horizonte. É o instante em que o presidente de Minas lê para o futuro Presidente da República e que foi governador de Minas o decreto de instalação da nova Capital. A presença do engenheiro Bicalho é uma homenagem do autor ao seu avô

A HISTORIA da Capital se contava de diversas maneiras.

Depois, entretanto, que surgiram os dois volumes de Abilio Barreto, não há mais divergências, porque os documentos catalogados pelo ilustre historiador da cidade não podem ser contestados.

Houve como que uma codificação dos fatos que assinalam a vida de Belo Horizonte, assim como do antigo Curral d'El Rei, berço da jovem metrópole.

Em tudo, a história que Abilio Barreto nos deu é consultada, de modo que hoje não há mais dificuldade alguma, quando se quer saber de qualquer fato acontecido aqui, antes e depois de 1.897, ano em que Ouro Preto cedeu a Belo Horizonte as glórias de ser a Capital de Minas.

Controvérsias, erros de datas, falhas as mais diversas, tudo acabou em 1.936, ano em que

os já citados volumes vieram à publicidade.

A literatura sobre Belo Horizonte, daquele ano para cá, passou a ter sua fonte principal no trabalho minucioso do autor de «A Noiva do Tropeiro» e de «Cromos».

Entretanto, não fico nas letras a influência da «Historia de Belo Horizonte».

Também as artes foram buscar nos dois volumes da obra a inspiração para quadros que hoje podem ser vistos e admirados, como verdadeiras joias de pintura. Composições que, não fora a existência de descrições completas, não constituiriam hoje quadros de raro valor artístico.

Ainda agora, inaugurou-se na Capital uma exposição de quase uma centena de trabalhos de artistas consagrados.

Sua abertura se deu dia 12, como uma das comemorações do cinquentenario. Chama-se mesmo a «Exposição do Cinquentenario», com marinhas, retratos, paisagens, quadros, e os modernos, como a «Ceia».

Tudo é motivo de prazer espiritual, inclusive um quadro cujo autor não se conhece, de rara beleza, mostrando uma aguia, a rainha das aves. Feito de fios de seda, em veludo, mais parece aquarela e de inigualável expressão.

Entretanto, a nossa atenção, neste breve comentário, se volta para uma série de oito quadros, que são os verdadeiros quadros do cinquentenario.

São composições de rara felicidade, que merecem ser vistas, não só pelo lado da arte, como, sobretudo, pelo sentido histórico que encerram.

Surgiram de uma iniciativa particular ou melhor, de Elpidio Lemos de Vasconcelos, que é um apaixonado da pintura, uma autoridade que se firma no assunto.

A ele, principalmente, se deve a existência das oito telas que engrandecem a exposição aberta no Edifício Goitacazes, como contribuição às festas que marcam a passagem do cinquentenario de Belo Horizonte.

Foi Elpidio Lemos de Vasconcelos quem nos deu as informações utilizadas nesta reportagem.

Contou-nos como conseguiu os elementos indispensáveis às

creações firmadas por artistas como Gentil Garcez, Carlos Oswald e Henrique C. Bicalho Oswald, este último descendente do engenheiro Bicalho, da Comissão Construtora da Capital, sucessor de Aarão Reis na sua direção.

Descrições, fotografias, informações verbais, tudo serviu aos artistas, na elaboração dos quadros que assinalam episódios do antigo arraial e, depois do início da metrópole que, em cinquenta anos, passou a ocupar um dos lugares mais destacados, dentre as capitais brasileiras, tanto na «urbes» como na «civitas», ou seja, no seu progresso material, como social, artístico e cultural.

Quatro das telas expostas são de autoria de Gentil Garcez, jovem pintor paulista, residente em Santos. A ele, Elpidio de Lemos enviou subsídios valiosos. E os trabalhos que apresentou são mais valiosos ainda, revelando não só a segurança do artista, como o compositor que é.

O primeiro quadro é a «Chegada de Silva Ortiz à Serra das Congonhas», hoje do Curral, e que compõe o maravilhoso cenário que engrandece a fisionomia da Capital.

É um trabalho seguro, em três fases, mostrando a chegada do desbravador Silva Ortiz às terras da então freguesia de Sabará, aqui estabelecendo um «pouso» que se tornou um arraial, origem de Belo Horizonte.



Morre o descobridor do Curral Del-Rei, Silva Ortiz, tela de Henrique Oswald. Ao fundo, o padre Matias, mostrando na fisionomia, intensa satisfação

O capelão, sobrinho de País Leme tendo nas veias o sangue de seu tio colonizador, vislumbrou no local um ponto de futuro.

E fincou as estacas das pri-

meiras barracas, legando aos posterios a semente de uma grande cidade.

Ao fundo, em seus contornos nítidos, a serra, com sua verdejante vegetação a cobrir imen-

sa jazida de minério de ferro.

É um quadro que deve ser considerado de grande valor histórico.

Garcez nos dá dois estudos, ainda sobre Silva Ortiz. Um

PARA SERVIR AO COMÉRCIO

Banco do

Distrito Federal S/A

Fundado em 1919

CAPITAL: CR\$ 60.000.000,00
RESERVAS: CR\$ 12.500.000,00

Rua da Assembleia, 72-74
Tel. 22-2118 (Rêde interna)

Sucursais, agência e correspondentes nas principais cidades do país

SUCURSAL EM BELO HORIZONTE:

AV. AFONSO PENA, 737



É A INDÚSTRIA DO BRASIL

Sucursal em Belo Horizonte:

AV. AFONSO PENA, 737

Telefones:	Diretoria	2-4257
	Gerencia	2-7110
	Contadoria	2-7134
	Cobrança e Expediente	2-3129

Matriz: AV. NILO PEÇANHA, 12, RIO DE JANEIRO

Sucursais: Rua 15 de Novembro, 239 — São Paulo —
Rua Conselheiro Dantas, 31 — São Salvador — Bahia — Florianópolis (Sta. Catarina), Vitória (Espírito Santo), Porto Alegre (Rio Grande do Sul).

Agências: Oliveira, Caeté, Divinópolis, Santo Antônio do Amparo, Varginha, Eloi Mendes, Andrelandia, Carmo do Rio Claro, Diamantina, Lavras, Juiz de Fora, Santo Amaro, Santo André, Ourinhos, Itabuna, Ilhéus, Jequié.

CORRESPONDENTES EM TODAS AS

PRAÇAS DO PAÍS

Faz todas as operações bancárias

COMPANHIA DE SEGUROS "MINAS- BRASIL"

Capital subscrito Cr\$ 10.000.000,00

Capital realizado e reservas Cr\$ 22.098.019,50

DIRETORIA: -

— José Osvaldo de Araujo, Presidente; Sandoval
Soares de Azevedo, Vice-Presidente; Carlos
Coimbra da Luz, Secretario.

SEGUROS CONTRA

INCÊNDIO — ACIDENTES DO TRABALHO —
ACIDENTES PESSOAIS — TRANSPORTES
— VIDA (Em organização)

SEDE: — BELO HORIZONTE

SUCURSAIS

Minas Gerais (Belo Horizonte — Itajubá — Juiz de
Fera — Brasil-Central) — Pernambuco — Bahia —
Niteroi — Rio de Janeiro — São Paulo — Paraná —
Santa Catarina — Rio Grande do Sul

AGÊNCIAS GERAIS

Pará — Maranhão — Piauí — Ceará — Rio Grande do
Norte — Paraíba — Sergipe — Alagoas —
Espírito Santo

Os verdadeiros quadros

(Conclusão)

deles, que reproduzimos aqui, foi inspirado nas descrições dos momentos que antecederam a morte do capitão, em Recife, anos depois de ter fundado o arraial que deu origem a Belo Horizonte. A tela mostra o bandeirante em agonia, depois de haver bebido certa cocção, que lhe dera o padre Matias, também reproduzido no quadro, em felicíssima expressão, como que tomado de satisfação pelo que acabara de fazer. Outra tela de Garcez, ainda sobre a morte de Silva Ortiz, se destaca pelos efeitos de luz, de muita beleza e harmonia, não obstante o colorido acentuado, que deu às suas tintas. E' a reprodução de uma cena patética, bem inspirada e de um realismo impressionante.

O padre Francisco de Paula Arantes que lá pelo ano de 1829 era vigário da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, na igreja de que resta somente a pia batismal, conservada como reliquia na Praça da Boa Viagem, é outro motivo de inspiração para Garcez. Tomando a carta que Abilio Barreto transcreve em sua «História de Belo Horizonte», o artista consegue feliz «retrato», também aqui reproduzido. Disse o vigário, em carta ao arcebispo de Mariana, que «a natureza criou este lugar para uma linda e famosa cidade, se algum dia fôr auxiliada esta lembrança». Referiu-se ao Curral Del Rei. O pintor, com os dados que lhe chegaram às mãos, compôs o quadro nº 4 de sua remessa para a exposição. E o fez de modo admirável, dando ao «retrato» a expressão de um iluminado, que, numa visão cintilante, desvendava todo o futuro daquelle logarejo de poucas casas.

Os outros quatro quadros históricos são firmados por Carlos Osvald e Henrique Osvald, pai e filho, ambos já consagrados artistas. Henrique C. Bicalho Osvald, descendente do engenheiro Francisco Bicalho, apresenta três telas que são evocações dos acontecimentos mais expressivos da mudança da Capital de Minas. Num deles, fixa o senador José Pedro Drumond pronunciando seu celebre discurso, em que defendeu a indicação de Belo Horizonte para lugar da nova metropole de Minas. Contrariou o relatório da Comissão Construtora, que apontara a Varzea do Marçal, proximo de São João Del Rei, como o local ideal. Na tela, vê-se ainda a figura do senador Antonio Carlos, que, apesar de doente, compareceu ao Congresso para votar a emenda nº 2,

que daria a Belo Horizonte a gloria de vir a ser a Capital de Minas. Henrique Osvald é o autor de outro quadro, justamente o que fixa o momento em que Aarão Reis passava a chefia da Comissão Construtora a Francisco de Paula Bicalho, avô do artista, segundo afirmam.

De grande valor historico, é uma outra tela de Henrique Osvald. Retrata dois dos grandes vultos da historia mineira, particularmente ligados á mudança da Capital de Ouro Preto para Belo Horizonte. São, em primeiro plano, Bías Fortes e Afonso Pena, aquele lendo para este o decreto de instalação da nova metropole, a 12 de dezembro de 1897, portanto, há 50 anos precisamente. Ao fundo, Henrique Osvald fixa o seu avô, Francisco Bicalho, completando um «big-three» ao qual Belo Horizonte muito deve.

O ultimo quadro da série historica, é de autoria de Carlos Osvald, professor do Liceu de Artes e Officios do Rio. Sua tela «Banquete oferecido á Comissão Construtora» foi reproduzida graças ás informações pessoais de sua esposa, filha de Francisco Bicalho e que assistiu ao «agape», ao qual não faltaram os discursos politicos, os brindes, a champagne. Segundo pessoas que conhecem esta passagem da historia belorizontina, o quadro a par de seu valor artistico, é de rara perfeição quanto á verdade historica, que fixa magistralmente.

Estes são, pois, os ditos quadros que engrandecem a «Exposição do Cinquentenario» e que devem ficar fazendo parte de nosso museu. Reuni-los numa galeria que evoque sempre o passado da cidade, é missão que os nossos homens públicos não devem relegar ao esquecimento.

— Mósas, mosquitos, pulgas, percevejos, carrapatos, pióhios devem ser combatidos e exterminados, bem como suas larvas e ovos, porque são veiculadores ou transmissores, quando infectados de certas doenças. Aprenda e pratique os métodos de exterminá-los.

— 2 —

— A agua deve ser filtrada ou fervida, quando não sofreu depuração prévia. As moscas põem ovos no lixo, estrume e localidades onde não é feita a matéria em decomposição. Na remoção do lixo, o mesmo deve ser queimado ou enterrado.

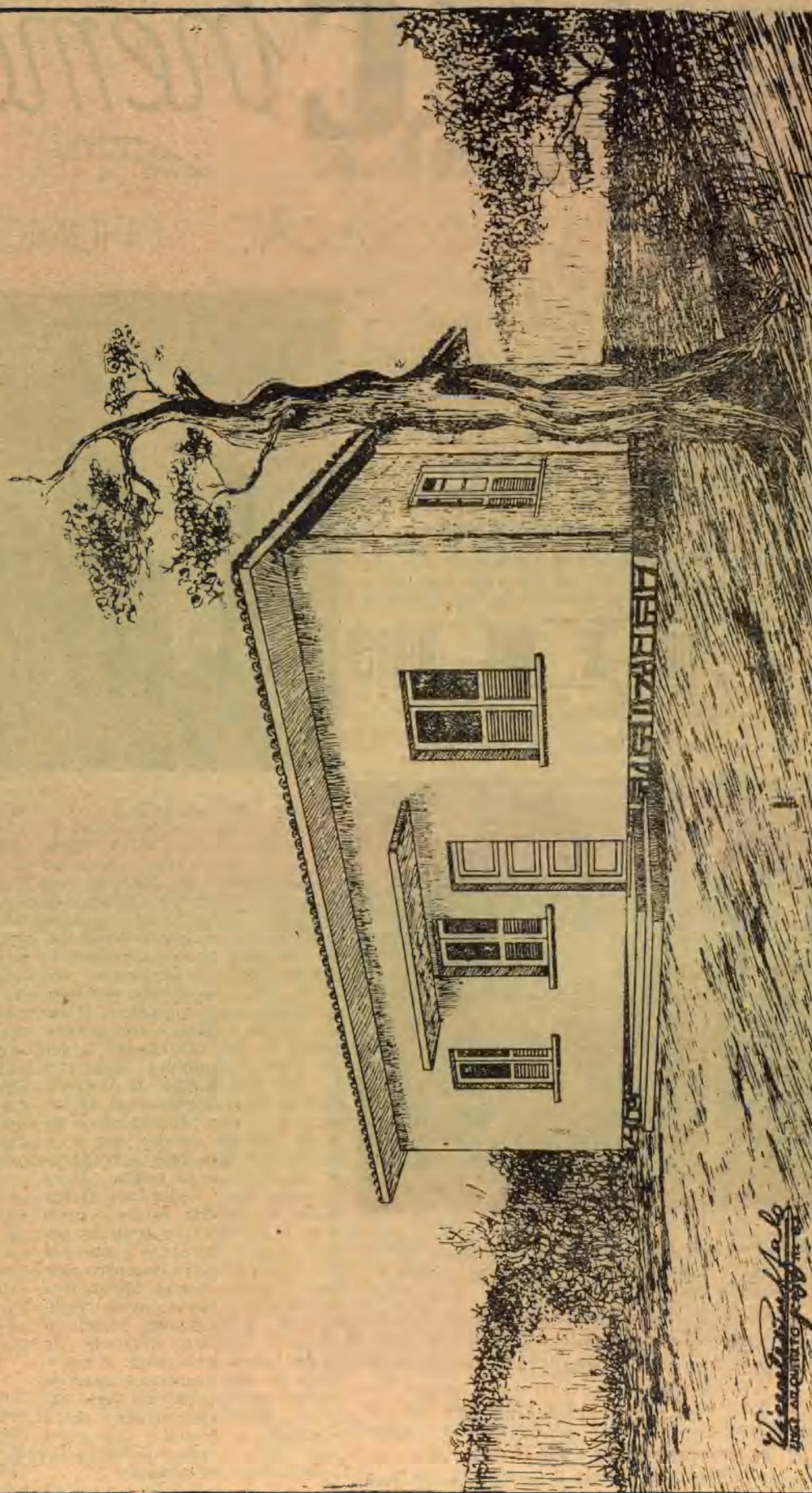
O BANCO POPULAR DE MINAS GERAIS, S. A.

a todo o povo da Capital e do interior do Estado cumprimenta e deseja BÓAS FESTAS, fazendo-lhes votos de um 1948 próspero e feliz.

Neste ensejo, e procurando cooperar para a real felicidade de todos, tem a satisfação de apresentar a perspectiva de uma das casas populares já iniciadas, que está vendendo por baixos preços e facilidade nos pagamentos.

BANCO POPULAR DE MINAS GERAIS S.A.

CASA TIPO POPULAR



Um tipo de casa para Cr\$ 40.000,00 (2 quartos, sala, cozinha, banheiro, terreno de 1.000 mts²). Água, luz e transporte

BANCO POPULAR DE MINAS GERAIS, S. A.

RUA DOS CARIOIS, 525 — BELO HORIZONTE

Corre o ano de 1920.

Paul Borey (Bobby Blake), comemora seu aniversário natalício e Ester (Ruth Nelson), a boa mãe, suplica a Ruby (J. Carroll Naish), seu esposo, que compre um brinquedo para o filho que faz anos. Ruby leva Paul ao bazar e manda que ele escolha um brinquedo barato entre os que estão expostos. Ne-



ACORDES DE UM CORAÇÃO (HUMORESQUE)

— UM ARTISTA PODE SER FELIZ? — Eis uma pergunta que "Humoresque" vai responder

nhum daqueles brinquedos interessa a Paul. A sua atenção dirige-se para um violino de oito dólares. Eis o presente que ele tanto deseja mas seu pai nega-se a satisfazer-lhe a vontade. Sid Jeffers (Oscar Levant), pianista e compositor, presente no momento, diz a Ruby que o violino é o melhor presente para o menino, pois a sua escolha revelava uma esplendida vocação para a música. Ruby, não atende ao conselho de Jeffers e diante da recusa de Paul em levar um brinquedo, sacode o filho pelo braço e diz-lhe: — «Se um brinquedo não lhe serve, então não leve nada», e sai do bazar com Paul chorando.

Ester, porém, compreendendo o filho e pressentindo a alegria que lhe iria proporcionar, resolve comprar o violino e oferecer a Paul. Desde aí uma profunda transformação se verifica: o menino revela-se um artista de imensas possibilidades.

24 HORAS NA VIDA DE UMA MULHER

Um grande film argentino, calcado no célebre romance — de Stefan Zweig —



Os anos vão passando...

Embora com grandes sacrifícios Ruby envia Paul (John Garfield), agora já rapaz, ao Conservatório de Música. Aí, Paul vem a conhecer Gina (Joan Chandler), uma jovem também violinista e em pouco nasce entre eles uma boa camaradagem, que depois se transforma em amor. Gina, reconhece em Paul um gênio para a música. O rapaz confia a Gina o seu grande desejo de um dia chegar a ser um grande violinista. Mais tarde, por intermédio de Jeffers, Paul trava relações com Helen Wright (Joan Crawford), senhora «blasée», muito rica e inteligente e que vive a tragédia de um casamento infeliz. Para esquecer esse equívoco Helen abusa de bebidas fortes e dedica-se a proteger os artistas pobres. Neste momento é que ela tem o seu primeiro encontro com Paul. Vendo-o tocar, Helen fica entusiasmada pelo jovem violinista e prontifica-se imediatamente a ajudá-lo dispondo do capital necessário para a realização de um concerto, capaz de grande repercussão no meio artístico. Esta aproximação entre o artista e a sua protetora transforma-se em momentos de encantadora intimidade.

Paul, pouco a pouco, sente-se apaixonado por aquela mulher, que lhe dedica um amor

estranho... suas carícias são como fogo a queimar-lhe as mãos e seus beijos têm a ardência de um amor impetuoso...

Helen, em pouco transforma-se em uma mulher alucinada por uma grande paixão... Ela é para Paul a única mulher de sua vida. Gina, o seu primeiro amor, e a sua própria família são esquecidos por ele. Paul triunfa espetacularmente no seu primeiro concerto e Helen consegue que ele se apresente num outro de gala, com a Orquestra Sinfônica. Chega finalmente o dia em que se vai realizar a maior aspiração de Paul. O auditorio ricamente iluminado regorgita: toda a alta sociedade e o que existe de melhor no mundo artístico, está presente. Paul ao passar os olhos pelo salão nota a ausência de Helen em seu camarote... Trêmulo, incerto, ele está a ponto de fracassar ao notar a falta de sua amada... mas, quer triunfar para ela, que tanto fizera por ele.

O concerto é uma consagração. Mas... por que Helen deixou de assistir ao triunfo de Paul? Qual teria sido o motivo de sua ausência? Na praia solitária ela caminha com a alma torturada. O rádio ainda ligado transmite-lhe a suave melodia que ele toca, como se fosse o eco da própria alma... ela



Afinal na tela, dirigido por Carlos Borcosque, o célebre romance de Stefan Zweig, autor também de «Brasil, país do futuro», produzido para o cinema pela Argentina Sono Film, e apresentado no Brasil pela Continental Films. Magnífica interpretação de Amélia Bence, uma grande artista. Um filme com todas as características das grandes produções americanas. «Em páginas magníficas, por onde passeia seu gênio, Stefan Zweig conta a história de uma mulher outonal, que libera um moço jogador do suicídio, e por ele se enamora violentamente, só não se lhe entregando em definitivo, por ter chegado com atraso a um embarque — tudo isso em vinte e quatro horas.» Ridículo e ternura em torno de «mãos que falam». Uma super produção apresentada pela Continental. O filme está em exibição, em Belo Horizonte, no GLORIA.

acompanha aqueles «Acordes do coração» com a alma sufocada pelo desespero, mergulhada na sua tragédia...

— Esse o resumo do filme da Warner Bros, com Joan Craw-

ford e John Garfield, vai exibir breve, história alucinante da paixão de uma mulher e que responde a pergunta: — Pode um artista ser feliz?

Seu angustioso segredo

arruinou a vida de tres homens...

Um filme estranho e fascinante, **ANGUSTIA**, que o Metrópole vai exibir



Na riquíssima mansão de John Ewert Willis Jr. celebra-se noivado do rapaz com a linda Nancy Patton. Mrs. Willis, mãe de John, está recebendo os convidados, quando chega um visitante estranho que insiste em falar a John. É o dr. Blair, psiquiatra, que conta ter sido casado com Nancy durante cinco anos, e que esta é uma ladra e uma hipócrita que já arruinou a vida de três homens! John está estupefato e recusa-se a acreditar, mas o dr. Blair reforça, contando o que se segue:

Pouco tempo depois do seu casamento, fôra visitado por um pintor, Norman Clyde, que completamente fôra de si, o suplica para interceder junto ao promotor para que não se cometa uma injustiça. O testemunho de Nancy — diz ele — poderá salvar um inocente da cadeia elétrica. Devido a insistência do dr. Blair, Clyde por sua vez conta a história: Ha alguns anos atrás, ele, Clyde,

apaixonara-se por sua aluna, Nancy, descobrindo depois que ela roubara uma valiosa pulseira por ocasião de uma exposição pública. Interrogada, Nancy, explica que quando criança, fôra injustamente acusada de roubar um medalhão, o que se gravara de maneira profunda no seu intimo. Ela promete jamais repetir o ato, e Clyde devolve a pulseira ao dono. Mas, novamente numa exposição de arte, dá-se falta de um preciosíssimo diamante cujo dono é assassinado. O «valet» do milionário é acusado do crime, mas Clyde tem a certeza de que Nancy pode salva-lo si quizer. O dr. Blair está transtornado com tudo o que lhe conta o rapaz, e convida-o á sua casa. Nancy recebe Clyde toda sorridente, e com o mesmo sorriso nega todas as acusações. O dr. Blair acredita em sua inocência. E por conseguinte o «valet» morre na cadeia elétrica... Na manhã seguinte Clyde vem procurar o dr. Blair e após cum-

primentalo pelo «amor á justiça», precipita-se da janêla, encontrando morte instantanea. O escandalo arruína a carreira do dr. Blair e ele e Nancy vão para Londres, espiarescer um pouco, e começar vida nova. Esta guerra e ambos dedicam seus serviços socorrendo os refugiados durante os ataques aéreos; enquanto descansam numa casa de campo, a anfitriã dá por falta de um colar; o dr. Blair sente renascer as suspeitas de Nancy, embora esta aparente estar inocente. Mas quando seu apartamento é destruido por bombas, o dr. Blair descobre entre despojos, o colar roubado, além de outras joias. Tão perturbado fica o dr. Blair que divorcia-se de Nancy. E eis o motivo pelo qual o dr. Blair vem procurar John Willis: Ele que evitar a todo o custo que John cometa o mesmo erro que ele cometeu, casando-se com Nancy. Ainda cético, John desafia Nancy a confrontar-se com o dr. Blair, e ela consegue astuciosamente convencer o noivo que aquele homem está sofrendo de alucinações, provavelmente causadas pelos constantes bombardeios... De tal modo John acredita em suas palavras, que decide não ligar importância aos conselhos do dr. Blair, e levar avante os planos. Chega o dia do enlace, e Mrs. Willis pede a Nancy para usar um medalhão que era uma relíquia familiar. Nancy reconhece a joia como a causadora do conflito travado quando menina, e constata que aquela cruel mulher é a culpada do complexo que sente desde então. Horri-

CARNE SADIA E LIMPA?

Açougues Cruzeiro do Sul

IRMÃOS MOURA

MARCHANTES

Escritórios:
RUA ESPÍRITO SANTO, 467

Fone, 2-7958

End. Teleférico "CRUZALTA"
BELO HORIZONTE

veis e angustiosas recordações vem á memoria da moça e ela desfalece. John apressa-se a chamar o dr. Blair. E este previne que o choque sofrido trouxe á Nancy o conhecimento de todas as suas ações, e que ela se encontra sob grande tensão nervosa. Mas não aconselha a demonstração da piedade; Nancy não deverá perceber que o homem a quem ama se condói de sua pessoa. Mas se John a ama realmente, Nancy Patton poderá se restabelecer completamente. Ha sempre uma esperança quando se ama...

Esse, o resumo do emocionante filme da RKO-Rádio (The Secret) que o Metrópole vai exibir breve. No «cast» veremos Lorraine Day, Robert Mitcham, Brian Aherne e Gene Raymond.



NIGHT AND DAY — «Canção Inesquecível» — Uma espetacular cinta da Warner Bros, será um dos próximos lançamentos do Cine Brasil. Em technicolor, esse filme interpretado por Cary Grant e Alexis Smith, será um dos maiores programas do ano entrante. — Michael Curtiz, que o dirigiu, apresenta, com ele, um de seus melhores trabalhos, onde há uns musicais que deixarão saudades.

LENHARIA ALIANÇA

RUA CARANGOLA, 261

Lenha bruta e beneficiada, da melhor qualidade, medida com rigor

ENTREGA A QUALQUER HORA Telefone, 2-4829



ENLACE NAVARRO XAVIER-BRUNETA — Constituiu acontecimento de larga projeção em nossos círculos sociais o casamento, realizado há dias da senhorita Hedda Navarro Xavier, filha do casal sr. Odilon Xavier-d. Sara Xavier, com o dr. Valter Geraldo Bruneta, advogado em nossa Capital. Paraninfaram a cerimônia civil, por parte da noiva, o senhor Julio Bruneta e senhora; senhor Perino Falci e senhorinha Teresa Navarro Xavier pelo noivo, senhor Odilon Xavier e senhora; e dr. Paulo Campolina e srta. Léa Bruneta. Foram padrinhos na cerimônia religiosa, efetuada às 14 horas, na Matriz de São José, pela noiva, o sr. Artur Martini e senhora; e dr. Moacir Navarro e srta. Hebe Pontes; por parte do noivo, dr. João Galizi e srta. Fidalma Martini Caldeira; e sr. Alfredo Martini e senhora. Durante a cerimônia religiosa, celebrada pelo Pe. Frei Zacarias Van der Hooven, foi cantada a «Ave Maria» pela srta. Léa Bruneta. Após a cerimônia religiosa, os pais da noiva ofereceram, no salão de festas do Santa Tereza Hotel, fina recepção aos padrinhos e convidados, tendo, ao «champagne», sido erguido um brinde de honra aos nubentes. Na foto, os recém-casados num flagrante colhido durante a recepção na residência dos pais da noiva.



ENLACE RAMALHO-COSTA — Nesta Capital realizou-se o casamento da senhorita Maria Aparecida Ramalho com o dr. Job Fernandes da Costa. Foram paraninfos no ato civil: pela noiva, o sr. José Fernandes da Costa e sra.; do noivo, o sr. Cesar Malteza e sra. A cerimônia religiosa, efetuada na Igreja de Nossa Senhora das Dóres, teve como testemunhas: por parte da noiva, o sr. Alvaro Ramalho e sra.; do noivo, o dr. Olavides de Oliveira e sra. Em viagem de nupcias os recém-casados seguiram para Araxá.

ESTAVA NO SEU TEMPERAMENTO...

Leticia Ramolino, mãe de Napoleão, deu muita dor de cabeça, à corte de França, para encontrar-lhe um título condizente com sua imperial pessoa. Ficou, por fim, resolvido chamar-se a mãe do imperador, de três príncipes e de três princesas, «Madame Mère de Sa Magesté l'Empereur». Era, porem, um título muito comprido e os franceses, para abreviar resolveram então, chamá-la simplesmente «Madame Mãe».

A essa «Madame Mãe» Napoleão concedeu-lhe uma renda anual de um milhão de francos. Leticia tinha a seu serviço duas damas de honra, cinco aça-fatas, dois criados de quarto, dois cavalariços, um mordomo e um secretário.

«Madame Mãe», porém, era avara e, por mais de uma vez,

sua avareza provocou epigramas e chistes dos parisienses, coisa que muito desgostava a seu filho, talvez ainda mais do que a prodigalidade de sua esposa. Certa ocasião, Napoleão

encontrando-se com Leticia disse-lhe: «Senhora. Suas rendas lhe foram dadas para ser gastas».

— Então — respondeu ela — bem farias em dar-me outro milhão de francos, para que eu os economizasse... O economizar está em meu temperamento.

O B R A

RIBEIRO COUTO

— Vejamos: como a queres tú, essa companheira que esperas para a teu lado realizar a tua grande obra?

Ele respondeu:

— Quero uma mulher que me compreenda. Uma mulher que sinta o que há de exaltado e de criador em mim. Uma mulher que veja na beleza a razão delirante da vida.

O outro falou sorrindo:

— Quero pelo contrário uma mulher que não me compreenda. Uma mulher que magoe distraidamente a minha sensibilidade. E que não sofra com o meu sofrimento. Assim poré mais dor na minha arte... O conflito obscuro dos temperamentos tem a virtude esplêndida de fecundar!

Mas nenhum realizou a grande obra, porque ficaram os dois, pela vida, à espera das ir. possíveis concordâncias.

TORNE FORTE O SEU FILHO

DANDO-LHE,
AS REFEIÇÕES,

Glycolmon



A EMPRESA MINEIRA

DE CARNES

Agradece as atenções
que lhe foram dispensadas
pelo Comércio, Indústria de
Minas Gerais e a popula-
ção de Belo Horizonte em
1947, desejando a todos um
prospero ANO NOVO.

ESCRITORIOS
RUA SÃO PAULO — 387
FONE 2-2290 — SALA, 104

VELHAS LENDAS

Do milagre operado por São Francisco quando converteu o feroz lobo de Agobio

N O TEMPO em que São Francisco morava na cidade de Agobio, apareceu ali enorme, feroz e terrível lobo, que não somente devorava os animais como as criaturas humanas; de sorte que os habitantes do lugar viviam corridos de pavor, por isso que muitas vezes o lobo chegava tão perto da cidade que obrigava todos quantos dela saíam a se armarem como se fossem combater. Apesar disso, quem se achasse sosinho não lograva defender-se; e a tal ponto chegara o temor do lobo que já ninguém ousava afastar-se da cidade.

Compadecido São Francisco da sorte daquela gente, resolveu um dia sair ao encontro da fera, muito embora cada qual procurasse dissuadi-lo de tão temerosa empresa; e, fazendo o sinal da santíssima cruz, andou-se da cidade São Francisco com os seus companheiros e cheio de confiança em Deus. E

vendo que os que com ele iam vacilavam em segui-lo, tomou São Francisco caminho inverso do sitio em que se encontrava o lobo. E eis que, presente grande número de pessoas levadas pela curiosidade de assistirem a um tal milagre, viram o lobo caminhar dirêto para São Francisco, com as fauces escancaradas. Avancando, então, ao seu encontro, São Francisco lhe faz o sinal da santíssima cruz e, chamando-o a si, desta maneira lhe falou:

— Vem cá, irmão lobo. Eu te ordeno, em nome de Cristo, que não faças mal nem a mim nem a ninguém.

Oh! cousa admirável! Mal acabava São Francisco de traçar o sinal da cruz e o medonho lobo fechou a boca e estacou; e, proferida a ordem, adiantou-se com a mansuetude de um cordeiro e deitou-se aos pés de São Francisco. Então São Francisco lhe disse tais pa-

lavras:

— Irmão lobo, tu causas muitos danos nestas paragens e has produzido grandes ruínas, molestando e matando as criaturas de Deus sem sua licença; e não somente tens matado e devorado os animais, como também ousaste matar os homens que são feitos à imagem de Deus. Por tudo isso mereces a forca como um ladrão e cruel homicida, e todo o mundo clama e murmura contra ti, e toda esta terra é inimiga. Mas eu quero, irmão lobo, estabelecer a paz entre ti e os homens; de tal sorte que tu não mais os ofendas e eles te perdoem os passados agravos e não mais te perseguam nem os homens nem os cães.

Proferidas essas palavras, nas atitudes da cauda e do corpo, na expressão do olhar mostrava o lobo, baixando a cabeça, o seu propósito de aceitar e cumprir quanto lhe dizia São Francisco. E este prosseguiu

então:

— Irmão lobo, já que é do teu agrado celebrar e manter esta paz, eu te prometo que farei com que a gente desta terra te assegure o sustento enquanto viveres, de forma que nunca mais tu padeças fome, pois sei que somente a fome te levava à prática de todos os males de que és culpado. Mas, visto que te proporcione este benefício, conjuro-te, irmão lobo, também me prometas que não haverás de fazer mal a nenhuma criatura humana nem tão pouco aos animais; assim o prometes?

Com o inclinar da cabeça o lobo deu evidente sinal de que consentia na promessa, e São Francisco continuou assim:

— Irmão lobo, quero que me confirmes a fidelidade da tua promessa, para que eu possa nela confiar. E dizendo isso, São Francisco estendeu a mão para receber o penhor do com-

CAPAS,

CAPOTAS

E ALMOFADAMENTO

PARA AUTOMOVEIS

NILO SERAPHIM & IRMÃO

RUA GOITACAZES, 1020

FONE, 2-2718

Proximo á Praça Raul Roares

promisso, e o lobo, levantando a pata dianteira direita, pausou-a na mão de São Francisco, dando-lhe, dessa forma, o testemunho da sua fidelidade.

São Francisco então falou:

— Irmão lobo, ordeno-te, em nome de Jesus Cristo, que venhas agora comigo, sem nenhum receio, e firmemos esta paz em nome de Deus. E o lobo à feição de docil cordeiro o segue obediente, deixando com isso maravilhados a quantos assistiam a tão extraordinário episódio.

A novidade espalhou-se com rapidez pela cidade inteira; e todo o mundo, homens e mulheres, adultos e infantes, moços e velhos, acorreram à praça, curiosos de verem o lobo na companhia de São Francisco. E, achando-se reunido todo o povo, São Francisco entrou a pregar, dizendo entre outras coisas, que tais flagelos são consentidos por Deus como castigo dos pecados, e que muito mais temíveis do que a raiva do lobo, que não pode matar senão o corpo, são as labaredas do inferno, que hão de queimar eternamente os condenados. Quão temível não há de ser a boca do inferno, quando tanta gente treme de medo ante a boca dum pequeno animal? Voltai-vos, pois, caríssimos irmãos, para Deus e penitenciai-vos dignamente dos vossos pecados, que Deus vos livrará do lobo hoje e mais tarde do fogo do inferno.

E terminada a sua prédica acrescentou:

— Ouvi, meus irmãos: o irmão lobo que aqui se acha em vossa presença, fez-me a promessa, deu-me o penhor da sua fidelidade de que fará a paz convosco e nunca mais vos causará qualquer ofensa; e por vosso lado lhe prometeréis dar-lhe cada dia o que for necessário; e ofereço-me como fiador d'ele nesse ato de paz que será da sua parte firmemente observado. Então o povo todo declarou a uma voz que nunca deixaria de alimentá-lo.

E São Francisco falou ao lobo:

— E tu, irmão lobo, promettes a essa gente que cumprirás o pacto de paz e que não ofenderás nem os homens, nem os animais, nem nenhuma criatura?

O lobo pôs-se de joelhos e abaixou a cabeça e com gestos de mansidão do corpo, da cauda e das orelhas, fez o possível para demonstrar a sua vontade de consentir em tudo quanto lhe era proposto. E São Francisco continuou:

— Irmão lobo, assim como me asseguraste a tua fé nesta promessa fóra da porta da cidade, não quero que tráias a minha promessa nem a fiança que dei de ti. Então o lobo levantando a pata direita colocou-a na mão de São Francisco.

Diante desse ato e de tudo quanto atás ficou dito, foi tanta a alegria e admiração de cada um dos presentes, seja pela devoção do santo, seja pela novidade do milagre, como pela paz do lobo, que todos começaram a bradar aos céus, louvan-

do e bendizendo a Deus, por lhes haver enviado São Francisco, que, pelas suas virtudes, os libertara da boca da fera cruel. Depois disso, o lobo ainda viveu dois anos em Agóbio; e entrava familiarmente em todas as casas, sem fazer mal a ninguém e sem que ninguém o molestasse; toda gente lhe dava de comer gentilmente; e andando assim em plena liberdade pelas ruas e nas casas, jamais foi incomodado pelos cães. Finalmente, depois de dois anos, irmão lobo morreu de velhice, com grande pesar de todas as

pessoas; porque, vendo-o com tanta mansidão pela cidade, melhor se recordavam da virtude e santidade de São Francisco.

BARÃO ITARARE'

Porque é que meu pai tem guardado a chave do meu trenzinho elétrico e só o retira do armário aos domingos para brincar com ele?

E por que tenho que lavar as mãos antes de ir ao colégio, se afinal de contas eu acabo sujando-as com tinta?

NATAL E ANO BOM!

VENHAM
ESCOLHER
OS
PRESENTES

VIDROS e CRISTAIS
LOUÇAS e PORCELANAS
APARELHOS de JANTAR
CHA' e CAFE'
FAQUEIROS
BATERIAS de ALUMINIO
BIBELOTS



CASA CAPICHABA

RUA CURITIBA, 506

Filial: Av. Afonso Pena, 315-321 — Esq. Caetés

Telefone: 2-5631

PREÇOS ESPECIAIS DURANTE ESTE MÊS



Giacomino Tomazzi



RETOMADA

ANDAMOS distantes desta página quase três anos. E no entanto, dando um sério balanço no rádio, vemos não sem magua, que pouco ou mesmo quase nada aconteceu de notável, a nosso vêr. As três emissoras da cidade, modificando alguns programas, apresentando um ou outro novo elemento artístico, viveram na sua rotina confortável entre os discos e os anúncios. Verdade é que também no resto do mundo acontece a mesma coisa, o que é bom para todos. Se na parte representativa as emissoras pouco fizeram, na técnica a coisa mudou de figura, ou seja, piorou muito. Já não ouvimos com a intensidade e a potência primitivas, as nossas peérrres. O que consola é os locutores, entusiasmados, gritando alô alô Brasil. As vezes a gente ouve até eles falarem que «estamos irradiando para toda a America...». «Como nós temos uma avenida Brasil, pôde-se justificar o «slogan». Mas o diabo é que não temos nem rua, praça ou avenida com o nome de America...

Muita coisa porém aconteceu dentro desta revista, qual seja a decorrência do falecimento do diretor e a aquisição da mesma por um dos nossos mais experimentados jornalistas. Ficamos o dever de amizade, afirmar aqui a falta do primeiro, figura prestigiosa que a cidade perdeu, ainda na juventude e cheia de entusiasmo. Siqueira é destes homens que Belo Horizonte, tanto a cidade como a revista, devem manter num vivo sentimento de saudade, porque era o lidador das boas causas, sempre prodigo, sempre amável e sempre eufórico. Teve muito e pouco deixou, porque distribuía dinheiro, como distribuía bondade, simpatia e fraternidade.

Retomando esta página, andamos percorrendo velhos números da revista e verificamos que somos parcos em elogios pessoais. Nunca fizemos qualquer elemento do rádio confundir «mascara», com cartaz. Somos de natureza severa com tudo que cheira a elogio encomendado, porque não queremos contribuir para a publicidade de quem não a merece. Nosso ponto de vista é que o elogio não faz artistas, se o microfone não consagra o dito. Assim, tudo aquilo que escrevemos, tem base no prestígio que o indivíduo consegue, pelos seus dotes, frente ao único juiz do rádio, que é o público, através do microfone. E se erramos, o mais das vezes, sempre nos resta o consolo evangélico do perdão, que o próximo não nos deve negar.

Se o amável leitor ou o simpático ouvinte de rádio, ambos não chegaram a registrar nossa falta a esta coluna, nós, mais ligados ao rádio não o abandonamos. Sempre ele fez parte da nossa preocupação e sempre quisemos dar-lhe colaboração que fosse sincera e construtiva.

Não é outro o pensamento que nos empolga, quando retomamos esta página, feita para servir tanto ao rádio, como ao ouvinte.

DEZ NOTÍCIAS

Terminou a 21 do corrente, o prazo para a apresentação de propostas de fornecimento de um novo transmissor para a Radio Inconfidência. Este equipamento, moderníssimo, terá a potência de 50.000 watts, o que situa a emissora oficial como das mais potentes do Brasil, notícia certamente agradável aos cívicos.

Entre os rapazes recém formados pela nossa Universidade, figuram dois elementos do rádio, que são Ulpiano Chaves e Milton Panzi, aos quais os colegas têm prestado varias homenagens. Cresce assim o numero de doutores que empregam sua atividade no meio radiofonico, o que sem duvida é motivo de jubilo para todos.

Também a nossa Câmara Municipal conta com varios elementos que militam em nossas peérrres. São eles: Alvaro Celso, Orlando Pacheco e Valdomiro Lôbo, sem contar o proprio presidente, padre Cir, prestigiosa figura que empresta sua colaboração á Radio Guarani.

Vespéral da Alegria, programma de franca aceitação, passa por nova fase, agradando a todos os ouvintes e principalmente ao auditorio, que ali vai em busca dos valiosos premios que oferecem os patrocinadores do interessante desfile artistico dos sabados.

Lea Delba está redigindo um belo programa para a Inconfidência. Trata-se de Quadros do Brasil, onde se destacam os cantares da nossa gente, tudo muito bem escrito e apresentado

CARTAZES RECOMENDADOS

NA GUARANI

Vespéral da Alegria, aos sábados.

Ternura, ás terças-feiras.

Noites que não voltam mais, ás sextas-feiras.

Gurilandia, aos domingos.

NA INCONFIDENCIA

Radio Teatro de Paulo Severo, aos sábados.

A opera da semana, aos domingos.

Poetas e Prosadores, ás quintas-feiras.

Epigrama do dia, ás terças e sextas-feiras.

Momento economico, diariamente.

NA MINEIRA

Vitrine Literaria, ás sextas-feiras.

Do mundo nada se leva, ás terças-feiras.

Este mundo é um hospicio, aos sábados.



Vilma Leal Arnault, aplaudida cantora das «Associadas»

DON REMY

com originalidade pelos cantores e locutores. Aliás a sra. Lêa Delba possui vasto arquivo e boa biblioteca sobre o assunto e deles faz bom uso, na divulgação do nosso folclore.

—x—

Faltava, para o ouvinte, uma resenha noticiosa sobre os fatos do dia, acontecidos em toda a parte, pois os jornais falados de encargadura somente são apresentados à noite. Mas a veterana Mineira, compreendendo a falta, supriu-a com um bom noticiário, apresentando à tarde, francamente aceito pelos ouvintes.

—x—

Ainda não apareceram os programas de carnaval, propriamente ditos, em nossas emissoras. Quando eles começarem a tomar conta do ar, esperamos que os diretores artísticos incluam, preferencialmente as produções mineiras, pois as que ouvimos são bem boas.

—x—

A campanha eleitoral foi fertil e entusiasmada nos microfones. Bons serviços e muita pu-

blicidade passaram pelos microfones. No genero, o que de melhor tivemos foi a reportagem das Associadas, à vespera do pleito, gravando discursos do governador, secretários, arcebispo e outras autoridades, o que muito contribuiu para o completo elucidamento de varias questões afeitas à luta eleitoral, servindo como um precioso esclarecimento aos eleitores.

—x—

No mês que passou, o capítulo reportagens radiofônicas também teve exito na parte relativa aos esportes. A Inconfidência marcou um tento, fazendo permanecer na capital baiana, o seu locutor, durante 45 dias e transmitindo sete jogos dos clubes locais, com os da cidade do Salvador. Despendendo avultada soma, a Inconfidência não mediu sacrificios para bem informar o seu numeroso público esportivo.

—x—

A data do Cinquentenario da Cidade, que se prestava maravilhosamente a numerosos programas historicos, literarios e mu-

sicais, não teve o esplendor devido, tanto nos jornais como no rádio. Faltou mesmo um destaque maior, que a efemeride justificava plenamente. Dos programas, o melhor foi mesmo o da Inconfidência, apresentado no dia 12, com uma sequência interessante de artistas, intercalando-se boas reportagens sobre a historia da cidade, confrontando-se os indices gerais e estatísticos, da inauguração, aos de hoje. Foi de facto a comemoração mais destacada do cinquentenario.

A Companhia Usinas Nacionais

*deseja um prospero
e feliz Ano Novo aos
seus prezados amigos e
freguezes.*



«Garotas Tropicais», que atuaram com sucesso na Guarani

Não Gostamos...

GOSTAMOS...

... dos sambas de Romulo Pais cantados pelo Quarteto de Ouro, ao microfone da Inconfidência.

... do programa Do Mundo Nada Se Leva, com varias e interessantes quadros onde o auditorio toma parte.

... do samba Barroca, que Rubem Tomich escreveu para Neide e Nanci interpretarem no programa do Cinquentenario.

... do cantor Danilo Vargas, apresentando tangos de sabor romantico, com a orquestra de Roberto Blasco, ao microfone da Guarani.

... da A Opera da Semana, apresentada pela Inconfidência, principalmente na original audição de Orfeu, drama lirico do seculo dezoito.

... da apresentação de Tetrura, pela Guarani, que ha muito se firmou como dos melhores programas do genero.

... do vereador cantando aquele anuncio do «cachorro quente»...

... do campeonato de iôô, incluído no programa que Afonso de Castro anima ao microfone da Mineira...

... da maneira pomposa e escandida com que um dos locutores da Inconfidência anuncia o proprio nome...

... da maneira com que Maria Lira desapareceu dos estúdios belorizontinos, quando já estava sendo considerada uma das nossas melhores cantoras liricas...

... da redação de certos anuncios na primeira pessoa do plural, quando o locutor nada tem a ver com a materia anunciada pelo comerciante...

... do modo pouco destacado com que as emissoras deixaram passar as comemorações do cinquentenario...



Vindo de Baependi, ha cerca de onze anos, Elias Salomé trouxe primeiramente um violão, um violino e muita força de vontade. Hoje toca sete instrumentos na Inconfidência e faz ainda uma porção de coisas cá fora. Justamente o que ele não gosta de recordar é o tempo em que foi batida a foto acima, quando, com Hildo Berço, teve que bancar o caipira. Mas como recordar é viver, eis acima o Salomé, numa das suas muitas caracterizações artisticas...

ORGANIZAÇÃO TÉCNICA DE AGRONOMIA E VETERINARIA LTDA.

CONSULTORIO DE VETERINARIA

Sob a direção do DR. N. GEÓVINE

Tratamentos de pequenos e grandes animais — Vacinações anti-rábica e contra cinomase —

Atende-se a domicilio

RUA CURITIBA, 1099 — FONE: 2-7723

CAIXA POSTAL, 1018 — (Em frente ao Mercado)

Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

INSTALAÇÕES TÉCNICAS DE ÁGUA E LUZ LTDA.

PROJETOS — INSTALAÇÕES EM GERAL — OFICINAS

Ita Ltd

END. TELEG.: ITALIMITADA * CAIXA POSTAL: 765
AV. PARANÁ: 77 * FONE: 2 1818 * B. HORIZONTE



LOUÇAS SANITÁRIAS — ARTIGOS PARA ÁGUA EM GERAL

FERREIRA GONÇALVES & CIA. LTDA.

CAIXA POSTAL: 343 • TELEFONE: 2 1210 • FONE TELEGR. JOFEGO
AV. PARANÁ: 59 • BELO HORIZONTE • MINAS GERAIS

VELHAS
PAGINAS

DEZEMBRO

OLAVO
BILAC

EM UMA das primeiras noites deste cáldo dezembro, dois velhos amigos, sob as velhas árvores do Passeio Público, passeando e conversando, deixaram a conversa enveredar para o capítulo das saudades.

Unidos, desde a adolescência, por uma estima recíproca, a que sofrimentos e triunfos comuns deram uma solidão de diamante, esses dois homens começaram a remechar o passado, a reviver sensações mortas, a exumar sonhos defuntos, — até que um deles, querendo saudar a tristeza, gracejou:

— Dir-se-ia que estamos num cemitério... Que tema este de conversa, para uma noite tão linda, tão cheia de estréias e de perfumes, entre estas árvores que são as primeiras a darnos lições de alegria!

— Que quer você? E' a influência de dezembro... Eu nunca pude ver chegar este mês de dezembro sem sentir um aperto no coração. Nunca, — é um modo de dizer: até os trinta anos, ainda dezembro me punha na alma um reverdecer de primavera: agora, porém, quando o vejo chegar, tenho vontade de me vestir de negro...

— Mas dezembro é o mês das alegrias.

— Para nós, dezembro é o mês das saudades. Não há criança e adolescente, que o não amem, — mês dos exames, das férias, dos prêmios, das suaves festas cristãs, dos alegres folguedos do Natal. Mas, para os que já vão descendo a encosta que se precipita para o vale negro da morte, — dezembro é o mês das recordações pungentes, das desesperadas recapitulações

de um passado sempre sedutor, *Nessum maggior dolore...*

— Musset já respondeu, com felicidade, a esse terceto descon-solado:

«Dante! Pourquoi dis-tu qu'il n'est pire misère
Qu'un souvenir heureux dans les jours de douleur?
Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur!...»

— Não! A verdade, a triste verdade é a que se lastima e soluça no maravilhoso terceto que o poeta divino pôs na boca da miséria francesa:

«... nessun maggior dolore
Che ricordar si del tempo felice
Nella miséria...»

Por mim confesso que nunca achei nas minhas saudades o divino sabor que o velho Garrett achava nas suas; a saudade é sempre o arrependimento, é sempre o remorso de não ter sabido aproveitar todos os bens da vida, gozando todos os prazeres físicos e intelectuais que ela tão generosamente oferece a quem tem mocidade e fê. Para prezar e abençoar um sofrimento, consolando-o com a recordação dos bens perdidos, é preciso não ser homem, é preciso ser santo: os santos resignam-se; os homens lembram-se e sofrem. Ah! Se, nesta idade, ainda pudessemos acreditar que existe um PAPA' NOEL, benévolo e risonho, saltando de telhado em telhado, na linda noite de Natal, e dando bonecos às crianças, e amores moços aos corações dos velhos!

— O PAPA' NOEL existe ou

ORGANIZAÇÃO TÉCNICA DE AGRONOMIA E VETERINÁRIA LTDA.

SECCÃO TÉCNICA DE AGRONOMIA SOB A DIREÇÃO DE TÉCNICO ESPECIALIZADO

Encarrega-se da construção de jardins de qualquer estilo. Podas, adubações e combate a pragas de jardins e pomares. Do plantio de árvores frutíferas

RUA CURITIBA, 1099 — FONE: 2-7723
CAIXA POSTAL, 1018 — (Em frente ao Mercado)
Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

pelo menos existiu para nós. Quem muito amou, não perdeu o seu tempo. Lembre-se você dos amores que já lhe aborreceram na alma em dezembro: esses amores foram os bonecos, os brinquedos, os presentes que o velho NOEL deu ao seu coração.

— Sim! Mas nós quebramos e destruimos os nossos amores, com a curiosidade estúpida de saber o que havia dentro deles, como as crianças quebram os seus polichinelos... E, depois, na mocidade, não há quem saiba dar valor aos bens da vida. Agora é que eu os queria, esses amores e esses sonhos, — agora que sei quando eles valem...

Pelas alamedas do jardim, passavam grupos de moças, palrando e rindo; aqui e ali, via-se um casal muito unido, num segredar sussurrado.

— Meu pobre amigo! — disse o menos descontente e o mais resignado dos dois — é preciso ter a dignidade de suportar o jejum, quando os banquetes faltam...

— Mas é justamente a isso que eu não me posso resignar. Só se resigna a morrer quem não ama a vida. Eu amo loucamente a vida! Não nasci para morrer: nasci para viver! E parece-me uma infinita, uma imperdoável, uma satânica injustiça que eu tenha de perder a vida precisamente quando a conheço!

— Não sei... Creio que você exagera. Com os seus cinquenta e oito anos...

— Cinquenta e quatro, meu caro, cinquenta e quatro!

— Vá lá! Com os seus cinquenta e quatro anos, você não pode ter dentro do sangue essa lava de desejos.

— Como você me conhece mal! Eu comparo a minha velhice à luz de uma tarde de verão. — dessas que só se veem no nosso firmamento. E' uma luz que não quer morrer, uma luz que se agarra desesperadamente a tudo, e, que, como os tísicos irremediavelmente condenados, loucamente se atiram

ao prazer, amando e chorando, aproveitando com febre os derradeiros instantes da existência: — expelida das furnas, apega-se aos vales; rechassada dos rechans, segura-se aos pináculos das serras; espancada dos montes pela noite que cresce, refugia-se nas nuvens; e já a treva

cobriu toda a terra, e ainda essa luz recalcitrante e teimosa, tinge vagamente o céu todo povoado de estrelas... Eu sou assim! Sómente agora me sinto capaz de amar e de ser amado. Que amor pode ter à terra o arbusto que cresce em um ano, e ao qual um ano bastou para o levar do mistério do nada à surpresa da vida? Que amor pode ter ao Amor a vida que ainda não se entendeu a si mesma? Agora é que eu sei amar, agora é que eu quero amar!

E entre os grupos, que passavam espantados e curiosos, vendo aquele homem de barbas brancas gesticular, — o desesperado falava alto, abrindo os braços, como se quisesse abraçar as árvores, as lindas mulheres que passeavam, todo o jardim, toda a natureza, toda a vida...

O companheiro, um pouco vexado, tomou-lhe o braço, e conduziu-o por uma rua mais escura, entre os renques das árvores, à beira do lago escuro:

— Vamos tomar cerveja! Você hoje está um pouco febril... Não esqueça, meu caro, que dezembro é o mês das férias... Você precisa de dar férias ao seu coração!

— Nem férias, nem aposentadoria! Eu hei de morrer protestando contra a velhice! A velhice... conhece você uma palavra mole e viscosa, como uma lagarta...

— Vamos tomar cerveja!

— 1.904. —

CONSOLO

Vi morrer tanta ilusão!
Tantos castelos perdi!
— Não faz mal, pois tenho tudo do pouco que vem de ti!...

Luiz Otavio

PILSEN EXTRA

Onde quer que haja um indicio de bom gosto, uma sensação de prazer, aí será encontrada PILSEN-EXTRA, a cerveja que é um deleite para o paladar mais exigente.

Produto ANTARCTICA

CARPINTARIA RIEVERS

DE

HENRIQUE RIEVERS

Especialista em esquadrias
Fino acabamento e pontualidade

RUA MAUA', 856 —:— FONE 2-2603

BELO HORIZONTE



CERES MARIA, filha do sr. José Décio Eutálio Prado, Gerente do Banco de Crédito e Comércio de Minas Gerais, e de d. Iria Maria Candioto Prado, num expressivo flagrante para BELO HORIZONTE — — — — —

Crianças



AFONSO E ALOISIO, filhos do sr. Afonso Viana do Vale e de d. Inas Vercesi do Vale, residentes em Vespasiano — — — — —

ELIZABETH, filha do dr. Moacir de Oliveira e de d. Margareta Ferreira de Oliveira, num lindo flagrante em sua bela chacara de Sabará. — — — — —

FÁTIMA

Imobiliária e Construtora Ltda.

CAPITAL REALIZADO: CR\$ 1.000.000,00

AVENIDA AFONSO PENA, 941 — 2.º ANDAR — SALA, 220

Edifício SUL AMERICA — End. Telegráfico FATIMA

TABELA FÁTIMA

VALOR DAS CASAS COM OU SEM TERRENO	VALOR DAS PRESTAÇÕES MENSAIS	
	Antes de receber as chaves — Cr\$ 3,00 por mil	Depois de receber as chaves — Cr\$ 9,60 por mil
Cr\$ 20.000,00	Cr\$ 60,00	Cr\$ 191,20
Cr\$ 30.000,00	Cr\$ 90,00	Cr\$ 286,70
Cr\$ 40.000,00	Cr\$ 120,00	Cr\$ 382,30
Cr\$ 50.000,00	Cr\$ 150,00	Cr\$ 480,00
Cr\$ 60.000,00	Cr\$ 180,00	Cr\$ 576,00
Cr\$ 70.000,00	Cr\$ 210,00	Cr\$ 672,00
Cr\$ 80.000,00	Cr\$ 240,00	Cr\$ 768,00
Cr\$ 90.000,00	Cr\$ 270,00	Cr\$ 864,00
Cr\$ 100.000,00	Cr\$ 300,00	Cr\$ 960,00

Seja previdente! Transforme o aluguel que hoje paga
em prestações de sua casa própria!



EDUCAÇÃO SANITÁRIA

— Nunca se esqueça de que só os mosquitos anofelinos transmitem a malária. Esses e outros mosquitos põem ovos em águas paradas ou de pouca correnteza. Ajude o Governo no combate ao mosquito, evitando em sua casa depósito de águas inútil, possível criadouro desses perigosos insetos.

C V B

Companhia Comercial de Vidros do Brasil-"C.V.B."

Sede Social : Rua Conselheiro Crispiniano, 379-5º

SÃO PAULO

Capital Social: Cr\$ 33.000.000,00

A Maior Organização de Vidros da América Latina

SÃO PAULO

C.V.B. CASA CONRADO
Rua Manifesto nº 518/526

C.V.B. VITRAIS FRANCO
Rua Bela Cintra nº 269

C.V.B. CASA MANO
Rua Rangel Pestana, 126

RIO DE JANEIRO

C.V.B. Casa Santos Seabra
Rua Marechal Floriano, 38-40

C.V.B. Vidraçaria Nacional
Av. Gomes Freire nº 77/79

PORTO ALEGRE

C.V.B. DO SUL
Rua 7 de Setembro nº 604

BELO HORIZONTE

C. V. B. CASA SANTOS SEABRA
Rua São Paulo nº 361
Fones: 2-0596 — 2-3713
—::—

C. V. B. CASA SANTA CRUZ
Rua Rio de Janeiro nº 347
Fone - 2-5360
—::—

C. V. B. CASA ALBERTO MOTA
Avenida Amazonas nº 303
Fone - 2-15 41
—::—

C. V. B. CASA MENDES
Rua Tupinambás nº 665
Fone - 2-1734

SALVADOR

C.V.B. Casa Santos Seabra.
Av. 7 de Setembro, nº 61/63

C.V.B. LOJAS VIEGAS
Rua Santos Dumont nº 22

C.V.B. VIDRAÇARIA GLOBO
Rua Misericórdia nº 8

RECIFE

C.V.B. DO NORTE
Rua Aurora nº 309

FORTALEZA

C.V.B. CEARENSE
Rua Barão do Rio Branco, 1096

CURITIBA

C.V.B. PARANAENSE
Rua Barão do Rio Branco, 245

Vidros, Espelhos, Molduras - Colocação de vidros em geral

FABRICAÇÃO DE ESPELHOS

Ladrilhos, Telhas, Pavês e Tijolos de Vidros

Artigos para presentes, Religião, Pintura, Escolares e Papelaria

METAIS NOVEX PARA INSTALAÇÕES COMERCIAIS

Natal

e

Ano Bom

E' sempre grata à COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA a oportunidade que a época festiva do NATAL E ANO BOM lhe oferece para dirigir a todos os seus assinantes as expressões sinceras de seus votos de felicidade, esperando que continuem a manter o mesmo espírito de cooperação em benefício de um serviço telefônico cada vez melhor.

Bôas Festas

Feliz Ano Novo



Companhia Telephonica Brasileira

NOTAS DE UM DIÁRIO

MARQUES REBÊLO

✓ OLTE meu pássaro. Canto, pássaro, liberdade! Meu secreto desespero, minha aflição de todos os minutos — quando serei liberto dos teus grilhões?

atitude importa em dôr. Como se matássemos qualquer coisa dentro de nós. E o melhor seria calar. Meu coração e o mundo falam uma linguagem diferente.

Temos tanta coisa utilitária para encarar que esquecemos que somos poetas. Aconteceu hoje pela manhã, diante de humilde canteiro. Que emoção funda me sacudiu. Há tantos anos não via um pé de miosotís!

Progresso quase sempre se resume nisso; onde havia uma linda mangueira há uma casa de apartamentos.

Não sou nada, nada absolutamente. Mas sei perfeitamente quem é grande e quem não é.

O menino ia de mansinho na ponta dos pés, com a atiradeira pronta para um balázio seguro, mas pisou num galho seco e o passarinho vôou assustado.

A alma vai em farrapos, mas a roupa é nova e faz um sol magnífico. O pavão abre o leque de esmeralda. Crianças gritam.

Não um caminho que ninguém tenha trilhado, mas sempre um outro, um caminho que não seja moda trilhar, um caminho que não leve dirêto aos apreços dos coevos, um caminho escolhido por bem raros, silenciosos viajantes, um caminho que não atrapalhe a ninguém.

O pior é o medo. Mentimos demais, somos astuciosos demais, interessados demais. Cada passo que damos queremos-lo tão seguro quanto o do tigre que rasteja para a ovelha. Cada palavra é coada no filtro da oportunidade. Chega-se a compreender que uma certa estabilidade na vida repousa nas palavras falsas, nas falsas atitudes, na habilidade dos passos cautelosos. A alma humana teria outro valor se lhe sobrasse coragem, se pelo menos se libertasse de metade do medo em que se aniquila para tomar posição.

Como um gorgoejo:
Eu queria ser formiguinha para entrar no quarto deles e ouvir o que estão dizendo.
A outra moça ri.

Era mansa, discreta e distraída. (Comoção de um minuto ao vosso lado!)

Insatisfeito, mudei de marca de cigarro.

— O senhor podia me dizer para que há poetas?

Noite devoluta de cassino. Que linda seria a música das fichas se os homens não falassem! E bato palmas, no grill, para todos os artistas e principalmente para o cachorrinho amestrado com as orelhinhas pretas.

— Eu gosto de você como de uma coisa.

Dançar com Lia é como dançar com um cactus.

— Que coisa?

— Um vestido, um sapato novo...

Nenhuma concessão nesta noite áspera de inverno e de solicitações.

Tôda ação é tristeza. Cada gesto, cada movimento, cada

PASSAGEM DO ANO

Carlos DRUMOND DE ANDRADE

O último dia do ano
não é o último dia do tempo.
Outros dias virão
e novas coxas e ventres te comunicarão o calor da vida.
Beijará bocas, rasgará papeis,
fará viagens e tantas celebrações
de aniversário, formatura, promoção, glória, doce morte com
sinfonia e coral,
que o tempo ficará repleto e não ouvirás o clamor,
os irreparáveis uivos
do lobo, na solidão.

O último dia do tempo
não é o último dia de tudo.
Fica sempre uma franja de vida
onde se sentam dois homens.
Um homem e seu contrário,
uma mulher e seu pé.
um corpo e sua memória,
uma voz e seu eco,
um olho e seu brilho,
e quem sabe até se Deus!...

Recebe com simplicidade este presente do acaso.
Mereceste viver mais um ano...
Desejarias viver sempre e esgotar a borra dos séculos.
Teu pai morreu, teu avô também.
Em ti mesmo muita coisa já expirou e outras espreitam a
morte,
mas estás vivo! Ainda uma vez estás vivo,
e o copo na mão
esperas amanhecer.

O recurso de se embriagar,
o recurso da dança e do grito,
o recurso da bola colorida,
o recurso de Kant e da poesia,
todos eles... e nenhum resolve.

Surge a manhã de um novo ano.

As coisas estão limpas, ordenadas.
O corpo gasto renova-se em espuma.
Todos os sentidos alerta funcionam.
A boca está comendo a vida.
A boca está entupida de vida.
A vida escorre da boca,
lambusa as mãos, a calçada.
A vida é gorda, oleosa, mortal, subreptícia.

Só nós podíamos compreender o mar e os seus gemidos; o mar escondido na noite, misturando-se com a noite e a noite miraculosa cobrindo a areia como um dossel; os olhos confiantes de L. desvendando afinal o caminho sonhado.
— Vê como brilha o farol? —
branco, vermelho...
*
Encostados á grade do chalet, mariposas debatiam-se contra o foco de luz, tínhamos as

mãos dadas, tão macia a mão dela, macia, branca, gordinha.
— Fala, Laura.
— Para que? E' tão bom a gente ficar calada, pensando coisas. Ou não pensando nada...

Quase coleí a bôca no seu rosto redondo e nêveo:

— Você parece que não me ama. Laura. Francamente.

Tinha o hálito leve e ácido:

— Amar é a gente não dizer



— Como estamos a dois passos da celebração do ANO NOVO, apresso-me em dirigir fraternal abraço a todos os meus bons amigos desta cidade, aos quais desejo BÔAS FESTAS e, também, muita felicidade no transcurso de 1948 — exclama «Seu» Kilowatt, o criado elétrico.

COMPANHIA FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS

FONE 2-1200

PUREZA

OLEO DE
SEMENTE DE
ALGODÃO

Substitue o Azeite
de Oliva
com

REAIS VANTAGENS

REFINADO E
DESODORISADO

Fabricação a Vapor de
Sabões de fina qualidade
e em alta escala

INDÚSTRIAS REUNIDAS
MINAS GERAIS S. A.

R. DOS PAMPAS, 644

FONE 2-4663

BELO HORIZONTE

ASTROLANDIA

Direção de OLIVEIRA JUNIOR

Ao iniciarmos a direção desta página, para a qual fomos convidados pela direção da magnífica BELO HORIZONTE, uma das mais perfeitas e completas revistas do Brasil, é com prazer que nos prontificamos a responder todas as consultas de qualquer leitor, desde que as mesmas venham acompanhadas do respectivo «coupon» que vem abaixo.

Para estudos mais circunstanciados e perfeitos, devem dirigir-se diretamente ao diretor desta seção: Oliveira Junior, Rua dos Guajajaras, 2.134 — Barro Preto — Belo Horizonte.

—x—

E' nosso intuito, também, simultaneamente com as respostas, fazermos algumas considerações acerca das ciências universalmente reputadas como exatas: Astrologia, Quiromancia, Numerologia e Grafologia, bem como todas as correlatas.

Assim, propugnaremos pela divulgação de tão preciosas quanto úteis ciências, que tem sido admiradas, mas também muito combatidas, e injustamente. E' que, como em todas as outras, também essas ciências não podiam constituir exceções; pululam por aí milhares e milhares de pseudos «professores».

Há exceções, é verdade, mas raras.

O nosso caso é inteiramente diferente: há 15 anos que nos dedicamos ao estudo e prática da Astrologia, da Quiromancia e ciências correlatas, sem tirarmos proveito algum monetário. Pelo contrário, temos tido muito prejuízo financeiro, muita cansaça, muito desgosto e muita desilusão, a par ainda dos sacrifícios físicos, intelectuais e morais. Temos, todavia, uma glória, que é a nossa paga: até o presente momento ainda não tivemos mais que 5% de erro, e note-se que temos feito previsões difficilissimas nos terrenos esportivo, social, politico, moral, nacional, internacional, etc.

Deve estar ainda na memoria de muitos a nossa previsão de que, na corrida a gazogênio realizada na Pampulha em abril de 1944, deveriam chegar: em 1º lugar, Chico Landi; em segundo Geraldo Avelar. E assim se deu. No futebol, todos devem lembrar-se de como muitas e muitas vezes dissemos através dos microfones, antecipadamente o vencedor de «matches», acertando sempre.

De forma que aqui estamos e contamos com a benevolencia dos leitores.

E... mãos à obra:

Gilda — Capital — Primeira pergunta: «Casar-me-ei mesmo

desta vez?» — Segunda) Serei feliz? — Terceira) Um outro gosta de mim? Que achas?

RESPOSTA — Primeira) Não. Sua leviandade é mórbida e seu sensualismo é exagerado. O primeiro não terá a hombridade de realizar seu sonho porque... (você compreende). — E' casado. Segundo resposta — Prejudicada; Terceira) está respondida na primeira.

Angelical — Capital — Primeira pergunta — «Sou muito infeliz em amor; encontrarei alguém que me queira ainda este ano?». Segunda) Que devo fazer? Terceira) Vou melhorar de situação no meu emprego?

Resposta: Primeira) Sim; casar-se-á em 1948; Segunda) Sua pergunta é um tanto vaga, mas se é com relação ao amor seja mais discreta, menos ventoinha; Terceira) Sim, apesar de seu pouco entusiasmo para o trabalho.

Marli — Capital — Primeira pergunta: «estou entre dois e não sei qual deva preferir; Segunda) Estou num dilema: devo ficar ou partir com a família? Terceira) Quando me casarei?

Resposta: Primeira) Nem um nem outro, pois nenhum dos dois lhe convém; Segunda) Deve partir; Terceira) Em 1950...

João Ninguém — Capital — Primeira pergunta: «Sou um ninguém na vida e, apesar de tudo fazer, nunca passei de ninguém; conseguirei alguma coisa (financeiramente) ?; Segunda) Quando me casarei? Terceira) E' com esta?

Resposta: — Primeira) Mais do que pensa; será milionário até 1950; Segunda) Em 1949 (ineados); Terceira) Não.

NOTA — As perguntas de-

PRESENTES?

Oliveira Costa & Cia

Artigos para Escritorio?

Oliveira Costa & Cia

Livros Nacionais e Estrangeiros?

Oliveira Costa & Cia

Artigos de Papelaria?

Oliveira Costa & Cia

Sempre na vanguarda em sortimento e preços

Atende pelo Reembolso Postal

AV. AFONSO PENA, 1050

Fones: 2-1607 e 2-3016

BELO HORIZONTE

vem vir acompanhadas do «coupon», nome completo, dia, mês e ano de nascimento e pseudonimo. Faltando qualquer desses detalhes, não será respondida.

ASTROLANDIA — COUPON DE CONSULTA

REVISTA «BELO HORIZONTE»

Nome

Data de nascimento:

Dia..... Mês..... Ano.....

Pseudonimo

Data da consulta

Instituto de Previdencia dos Servidores do Estado de Minas Gerais

Peculios pagos no segundo semestre de 1947

EM JULHO:

Alberto Sales Fonseca, dr.	30.000,00	
Alencar Alexandrino de Faria, dr.	30.000,00	
João Damasceno	6.000,00	
Oswaldo José Abrita, dr.	21.000,00	87.000,00

EM AGOSTO:

Maria Roscoe	10.000,00	
Eugenio Sôares Ribeiro	10.000,00	
Modestino Canabrava	30.000,00	50.000,00

EM SETEMBRO:

Eloy Luciano Pereira da Silva	9.000,00	
João Barreto Maia	10.000,00	
Antônio Estevam Luiz	9.000,00	28.000,00

EM OUTUBRO:

Aniceto Gomes de Sousa	18.000,00	
Antônia Monteiro Teixeira	12.000,00	
Carlos Antônio Nunes, dr.	30.000,00	
Olimpio Tito Ribeiro, dr.	30.000,00	
Olivia Emilia Dutra	4.000,00	
Ubalduino Gomes Silva	22.000,00	
Oity Guimarães Bittencourt	30.000,00	
Vera Andrade Fonseca	10.000,00	
Washington Figueiredo	10.000,00	
Ana Virginia Cordeiro Maciel	7.000,00	
Ana Carolina Muller	4.000,00	
João de Deus Gomes Werneck	30.000,00	
Maria Antônia Novelino	20.000,00	
João de Almeida Lisbôa, dr.	18.000,00	245.000,00

EM NOVEMBRO:

Ovidio Francisco de Lima	30.000,00	
Antônio Ferreira da Conceição	13.000,00	
François Bonisson	5.000,00	
Francisco Bruno de Carvalho	30.000,00	
Ursulina Ferreira de Lacerda e Sousa	4.000,00	
Maria Augusta Baêta Neves	10.000,00	
Alda Correia e Silva	15.000,00	
Manuel da Costa Lana	30.000,00	
Minervina Augusta Prado	18.000,00	
André Francisco de Oliveira	4.000,00	
Américo José Gonçalves	12.000,00	
José Mariano Leite	30.000,00	201.000,00

EM DEZEMBRO:

José Antônio Nogueira, dr.	10.000,00	
João Soares da Costa	10.000,00	
Edmundo Dias Bicalho	28.000,00	48.000,00

39 pecúlios no valor de		659.000,00
------------------------------	--	------------

Belo Horizonte, Dezembro de 1947

REINO DA SOLIDÃO

CECILIA
MEIRELES

O NDE estão os donos das belas casas vazias? Que fazem, longe, enquanto os caramanchões se cobrem de campânulas róxas e amarelas, e o gato branco altivamente descansa em finos mármore e com sonhadora miopia pergunta às nuvens pelo arco-iris?

Os relógios soam n assalas, — para ninguém. Até quando? Os tapetes, as cortinas, a sombra bebem essa pergunta das horas. Onde estão os donos das belas casas vazias? As aranhas, para se distrairem, vão inventando rendas de cristal.

Nesse momento, a menina que passa encontra as grades, e adivinha: este é o Reino da Solidão. Logo ao primeiro gesto, o sino da porta oscila, — e a mão detém-se. Mas a aérea língua de bronze está clamando: «Não há ninguém!» E a menina passa, com o ouvido atento à todos os rumores, as mãos esparsas, como em sonambulismo.

De todos os lados se debruçam os pequenos rostos das flores; e as que ainda estão sorvendo a chuva da madrugada param com uma gota suspensa do lábio.

A menina aponta para uma, para outra, e tímidamente murmura: «Flôr». Mas as flores sacodem a cabeça, deixam cair o orvalho, e balbuciam: «Azaléia», «Papoula», «Glória da Manhã». E ainda quando não as entenda, a menina percebe que há tenues vozes de esgarçada gaze perpassando mais leves que o pólen e as abelhas.

E entra na gruta, que é muito antiga, para onde ninguém mais olha, gruta de crianças que já morreram, com uma pequena água molhando montes de conchas corroídas. O frio é como um som em seus ouvidos, um longo som sem horizonte, vertiginoso, inalcançável. E o verde nasce ali, camada sobre camada, quase amarelo, quase negro, quase veludo, quase pó. E se ela dirige a mão para tocá-lo, e pensa — «Côr» — o verde levanta suas pálpebras de penugem, e exala, com um sopro apenas acordado — «Meu nome é Musgo» — e torna a adormecer na fria pedra velhíssima.

Quando olha para os leões, os grandes leões luzent e pára, assustada, é porque sabe que eles também estão andando, por dentro de suas onduladas crinas, entre o gro sobrólho e o beijo arreganhado. Talvez os leões estejam rindo, de a ouvirem murmurar apenas: «Bicho» — porque eles têm os seus fastos secretos, que vêm de Hércules, at vessam o zodiaco e enfim se imobilizam nos pés dos r veis e nas esculturas de jardim. Bem que ela sente e palpitação de nobreza no tórax azul dos leões: mas que zer, para ouvir suas enredadas, copiosas, imponentes tórias altivas?

Também a deusa branca não lhe falará, porque em redor de seus pés que estão parados, e no entanto se que estão correndo, só sabe dizer: «Moça, Moça...» — o seu nome não é esse; bem se adivinha que não é e pois moça nenhuma do mundo possui este olhar feito nas da sombra dos olhos, nem este fino corpo, firme e pido, que não se cansa, que não envelhece, que não morá jamais. Ela está ali, mas não está. Se um de seus se firma adiante, não é para prendê-la, mas para que o tro se levante e a projete na carreira em que vai, com flechas e sua côrça. Embora esteja na sua frente, p acima dos seus olhos com as sandálias, ao alcance de mãos — a deusa está longe, nem mesmo ali pelo jar mas por uns imensos caminhos alheios a todos nós, ali a todos os caminhos. Seu perfil corta um céu que exist não se sabe onde. E' a deusa. E embevecida a me imóvel sonha com a sua fuga.

E' quando o vento matinal docemente desprende pulsos das árvores, e descem dos ares as variadas mãos fôlhas que tateiam pálidas o contorno do dia. Rodeia claridade, tocam a frescura da última névoa e caem a a menina que sonha. Não estão vivas, não são hum parecem estrelas secas, daqui a pouco serão cinza — entanto são de tal modo inteligíveis! pousam com elegância, desprovida de peso; resvalam com tanta sa ria, sem mágua nem saudade... — é tão bom sem pelos ombros, vê-las, com amor e sem pena, como se sem as verdadeiras mãos do mundo, as únicas mãos já havidas, as mãos para sempre eternas.

BANCO DE CREDITO REAL DE MINAS GERAIS S.A.

Mais de meio seculo de serviços ao Brasil

CAPITAL :	70.000.000.00
RESERVAS :	52.690.362.70
DEPÓSITOS :	1.500.8041.93.40
APLICAÇÕES :	1.332.177.082.20

Agencias e Escritorios nas principais cidades de Minas, Distritro Federal,
Espírito Santo, Goiás, Est. do Rio, Bahia e São Paulo

Assim a menina torna a caminhar. Desejaria dormir entre as mãos das malvas como pode fazer a lagarta que pouco avança, e ainda não sabe se já deixou de ser vegetal, se desprende suas finas raízes do confuso sôno da terra, e anda em veludosa visita a suas irmãs cativas.

Grande é o silêncio em redor das casas fechadas. Emana das paredes e parece respirar. E' denso, intrincado, portentoso. Tem muitas camadas sobrepostas. A menina sabe que o silêncio não é uma ausência de vozes, mas um tecido muito frágil de vozes etéreas onde há como sussurros distantes de insetos, de pássaros, de espumas crepitantes; e exclamações de fantasmas; e um bocejo de marés extenuadas; e um suspiro de desertos, com as areias recaindo em seu regaço desmoronado.

Por êsse bosque de ramagens tão vagas, cuja trama é tão firme, sem que nada a delineie, passa a menina ferida pelo mistério, que de longe multiplica seus espinhos. De onde vem o sussurro que zumbe no fundo mais profundo do silêncio? Encosta o ouvido na sêda límpida das campânulas, mas essas flácidas conchas ignoram a lição dos caramujos, nutridos de tanto oceano. Encosta-o nas balaustradas — e a tristeza da pedra é ter esquecido tudo.

Por isso, a menina corre: assustada, a tropeçar no seu transparente bosque. As fechaduras das portas estão olhando para ela, e entre os tijolos aparece uma lagartixa branca, uma lagartixa nua, que deve ter esquecido seus vestidos á beira de um lago, para se rir da menina extraviada no rumoroso silêncio, no deserto pululante. E até as borboletas, cuja voz não se pode ouvir, estão remetendo palavras umas às outras, doces palavras pequeninas, grão de mel ainda com gosto de flôr.

Isto é o Reino da Solidão. Se desce um pássaro e olha de lado para a menina enternecida, é bastante que sua alma se mova para acercá-lo, que já o vôo se abre e uma frase estremece a paragem: «Não te quero! Não te quero!» Se ela diz para a altura: **Vem comigo!** todos os outros pássaros se reúnem e lhe respondem: «Impossível! Impossível!»

Isto é o Reino da Solidão, onde tudo está separado, cumprindo seu destino, com ordens secretas de caminhar ou parar, de viver ou morrer — e uma docilidade profunda diante dessa intimação.

Deita-se a menina á beira do lago que, mudamente, gravemente, abebera as cores do dia, como os jarros às flores. Dentro dele, seu pequeno rosto magro não tem importância nenhuma. Passa como aquela desfiada nuvem ao mesmo tempo está lá em cima e lá em baixo, no alto azul do céu, no verde negro, arenoso abismo. Menos que a asa do inseto morto, que nas águas descansa, é apenas uma sombra, seu rosto. Uma sombra. Se o tocar com as mãos, para o entender melhor, sombra serão suas mãos, igualmente. E, se disser seu nome, dêle nem sombras se imprimirá na onda calma.

Isto é o Reino da Solidão. A linguagem é impossível. Cada um tem a sua, com os seus símbolos e privilégios. E o sol de repente acorda as cintilações que a aranha fez sem saber; descobre as inúmeras, minúsculas escamas da água que parecia completamente lisa; revela o fulgor de cada grão de areia, de cada poro da pedra; desvenda o sutil, imponderável aljofre de que estão recamados os minuciosos mantos das borboletas.

Também sua pele vai tomando do sol um brilho de madrepêrola, e, semicerrando os olhos, encontra nas pestanas aquela incandescência mineral das pedras ricas, de que nem sabe o nome.

Está sentada em ramos desenhados no chão. E' igual

BANCO DE MINAS GERAIS, S. A.

MATRIZ : — Rua Espirito Santo, 527 — Belo Horizonte

FILIAL : — Rua Buenos Aires, 48 — Rio de Janeiro

Agência do Castelo : Av. Graça Aranha' 296-A

Rio de Janeiro

Abaeté — Araxá — Arcos — Astolfo Dutra — Bambuí — Barbacena — Boa Esperança — Bom Sucesso — Campos Altos — Carmo do Paranaíba — Conceição do Rio Verde — Conselheiro Lafaiete — Cordisburgo — Divinópolis — Dom Silverio — Dôres do Indaia — Ervalia — Formiga — Francisco Sales — Governador Valadares — Guia Lopes — Ibiá — Iguatama — Itabira — Itabirito — Itaguara — Itaúna — Itumirim — Japão — Jequeri — Juiz de Fôra — Lagôa da Prata — Lavras — Luz — Mariana — Marquês de Valença (Est. Rio) — Montes Claros — Nepomuceno — Oliveira — Pará de Minas — Patrocínio — Perdões — Pirapora — Pitangui — Piumi — Ponte Nova — Rio Casca — Rio Espera — Rio Novo — Rio Piracicaba — Santa Juliana — Santo Antônio do Monte — Santos Dumont — São Francisco — São Gonçalo do Pará — São Gotardo — São João Del Rei — São Tiago — Serro — Sete Lagoas — Três Corações — Ubá — Uberaba — Varginha.

aos pássaros que pousam tão alto. Também, como a deusa está com os pés na terra, e não está na terra. Viaja na luz, sem parentes, sem companhia, sem nome, sem fala. Começa a entender de tal maneira tudo, como se a adormecessem braços do céu, de um lado a outro do horizonte. Isto é o Reino da Solidão. Fica imóvel. Feliz como o perfume na pétala.

FERNANDES & CIA.

*desejam um prospero Ano
Novo aos seus amigos e freqüentes,
agradecendo-lhes a gentileza
da preferencia,*

*Gigarros - Charutos - Piteiras
Gachimbos e todos os artigos
para fumantes*

**CHARUTARIA FLÔR
DE MINAS**

Rua da Bahia, 884 — Telefone, 2-3317
BELO HORIZONTE

O Campeão da Avenida,
*deseja a todos os seus fregue-
zes um prospero Ano Novo,
com votos de felicidades.*

E SAIBAM TODOS...

Sortes Grandes?

CAMPEÃO DA AVENIDA

E... NÃO SE DISCUTE

Avenida, 612 e 770

A VIDA SINISTRA DO CARRASCO FORTUNATO

UM NEGRO TENEBROSO QUE DEIXOU SEU NOME NA CRÔNICA DA PROVÍNCIA — SOB OS SANTOS OLHOS DO DIABO — 87 EXECUÇÕES E UM SONHO FINAL

Paulo Serrano

O 17 de julho de 1877, o periódico «Mosaico Ouro Preto» publicava o esboço biográfico de um velho e sinistro negro chamado Fortunato. Esse negro conseguiu deixar o seu nome na crônica do tempo em parte por sua miséria moral, em parte por uma virtude que não é hoje muito contraditória, ou seja, o orgulho profissional.

Por falar nisso, não seria ocioso lembrar que o orgulho profissional é da mais alta importância na vida coletiva. Se todos o possuísem, esta mal ajustada engrenagem andaria por certo melhor. Fortunato era um carrasco e dava-se bem no tenebroso ofício. Dizia-se «empregado público»...

Gente mais escrupulosa o olharia com repulsa íntima; ele, porém, tinha noção da importância do seu cargo e a consciência de desempenhá-lo bem.

O seu passado é que não o recomendava; são raros, no entanto, os que se recomendam pelo passado. Ninguém exibiria a sua roupa de baixo, senão depois de lava-la convenientemente.

SOB OS SANTOS OLHOS DO DIABO

Fortunato nasceu e cresceu sob as santas vistas do Diabo. Natural da freguesia, hoje cidade de Lavras, era escravo de João de Paiva, cuja viúva — d. Custódia — o criou com extrema bondade e carinho.

Mesmo cercado dos generosos sentimentos daquela senhora, desde cedo se entregou ao jogo, à bebida e a outros vícios. Era pau que tinha nascido torto. Um dia, admoestado com brandura por d. Custódia, o negro matou-a com certa bordada. Tinha ele 25 anos bem trabalhados pelo demônio,

e iniciava a sua carreira de evidência na época.

Preso e condenado à pena última, foi recolhido à cadeia de Ouro Preto. Mas a sorte não o havia abandonado. A pena não teve execução, sendo, por acordo com o assassino, comutada na de prisão perpetua, com a obrigação de servir de algoz aos condenados à força.

Ao iniciar o seu ofício, teve pequeninos escrúpulos, quando tinha que enforcar mulheres. Ele mesmo confessava a sua única sentimentalidade. De qualquer maneira, as coisas andavam boas. Viajava como executor da justiça e ganhava algum dinheiro. Apenas não lhe pagavam bem, queixava-se.

Por isso, dizia sempre que a melhor câmara que encontrara era a de Bonfim, que lhe pagava 12\$800 por 9 execuções e ainda o gratificava com 20\$000. Ora satisfeito, ora contrariado com a remuneração, percorreu 29 localidades de Minas e 2 da província do Rio de Janeiro.

Dormia de início na prisão, ao lado daqueles que havia em breve enforcar, até que uma noite, na cadeia de Pitangui, um sentenciado deu-lhe, durante o sono, profundas navalhadas no ventre, nas costas e nas mãos.

Desde então, Fortunato começou a recamar contra as más companhias, sendo separado dos presos condenados à pena última. Ainda assim, não compreendia que um «funcionário público» se misturasse com presos desqualificados.

87 EXECUÇÕES E UM SONHO FINAL

Confessava Fortunato, cheio de orgulho, ter feito 87 execuções, lamentando-se contudo da escassez de condenados. Acusava a justiça de frouxidão.

Corria que em São João del Rei o terrível negro enforcara seu pai e sua mãe, imputação que ele contestava com indeferência.

Em 1874, foi abolida a pena de enforcamento, encerrando-se desse modo a carreira que ele tinha iniciado no Natal de 1833.

Tudo cansa e acaba. E Fortunato viria a afagar uma aspiração comum a todos os homens, que é o sonho final da velhice. Em 1877, vamos encontrá-lo com 69 anos, dos quais 44 na prisão. Queixava-se de reumatismo, acrescentando que «se obtivesse a liberdade iria viver sossegado nalgum canto». Finis Fortunati.



Empresa de Transporte Minas Gerais Ltda.

TRANSPORTES RÁPIDOS ENTRE RIO DE JANEIRO, S. PAULO, BELO HORIZONTE, NITERÓI E SANTOS

End. Teleg. TRANSMINAS

Matriz

BELO HORIZONTE

RUA ARAPE, 115 — Tels. 2-7347 — 2-2279

Filiais

SÃO PAULO

Rua Hipodromo, 1465 — Telefones
9-1111 — 9-1112 — Santos — 6-535

Rua Visconde Rio Branco, 12

Filiais

RIO DE JANEIRO

Rua Beneditinos, 20 — Telefone,
23-1970 — Niterói — Travessa Luiz
Paulino, 29 — Telefone, 2-1355

PARA UMA
cosinha moderna

UTENSÍLIOS DE VIDRO PIREX
PARA FORNO E FOGÃO

Visite nossa seção de
UTENSÍLIOS DOMESTICOS

MESBLA

Rua da Bahia, 986



Hitler e as Mulheres

Peter CALVOCORESSI

Porque Hitler se casou com Eva Braun somente nas vésperas de seu duplo suicídio em 1945, quando a conhecia desde 1923, época em que lhe foi apresentada pelo fotógrafo Heinrich Hoffman, a esse tempo patrão de Eva?

Houve duas razões: primeira — Por não ter sido Eva Braun a espécie de mulher talhada para tornar-se uma personalidade pública, pois, que o seria, caso viesse a casar com um grande homem; Segunda — Hitler preferia tornar conhecido o seu estado de solteiro para, desta forma, fazer com que milhares

Estas informações sobre as mulheres com as quais Hitler entrou em contacto durante os anos do poder, me foram prestadas por um escritor que teve oportunidades únicas

para conseguir notícias em primeira mão e para procurar a verdade. É ele um jovem advogado que serviu à «Inteligence» aliada durante a guerra e assistiu ao julgamento de Nuremberg.

de moças solteiras alemãs aca-riçassem a ambição de se tornarem noiva do Fuehrer.

Eva conseguiu ganhar certa ascendência no círculo social do Fuehrer, apesar de nunca ter-se tornado grande dama; e o luxo que a cercava no Berghof não parecia adaptar-se-lhe com na-

turalidade. Apesar das histórias que contam, ela nunca deu um filho a Hitler.

Antes do aparecimento de Eva, quem cuidava da casa e da pessoa do Fuehrer era Angelica, irmã deste. Nesse tempo, porém, o suntuoso Berghof na Berchtesgaden ainda não tinha

sido construído e eles viviam numa «vila» no mesmo local. Depois de um ano de sua ascensão ao poder decidiu desfazer-se dessa «vila» e construir outra melhor. Foi nessa época que houve entre os dois (Adolf e Angelica) uma discussão de que resultou profundo ressentimento mútuo, durante algum tempo. Quando o novo Berghof ficou pronto, Angelica não voltou a cuidar da casa de seu irmão e, logo depois, casou-se pela segunda vez.

SUA SOBRINHA SUICIDOU-SE

Do primeiro casamento, Angelica teve uma filha, Gell, de quem Hitler gostava profundamente. Esta sua sobrinha morreu antes que ele subisse ao poder e supõe-se que fosse suicídio. Seu quarto, num apartamento em Munich, onde ela vivia com a mãe e o tio não foi tocado, por ordem deste e, mais tarde, quando os dois irmãos se mudaram para outro apartamento, um dos quartos foi convertido numa cópia exata do quarto que Gell ocupava no antigo.

Hitler era sempre visto com regular número de mulheres quando fora de Berlim, quer em Berchtesgaden, quer em Munich. Era sua política facilitar aos seus oficiais e ajudantes o convívio diário com as respectivas mulheres, e apartamentos especiais eram-lhes reservados no Berghof. Há algumas centenas de metros da casa do próprio Hitler estava a de Martin Bormann, onde ele vivia com a mulher e 8 filhos. «Frau» Bormann, além de estar sempre ocupada com as crianças era reservada por natureza, o que a levava a não tomar parte ativa na vida social. Outra senhora, também retratada, era «Frau» Speer, casada com aquele jovem arquiteto de rara inteligência que sucedeu a Todt e foi o cérebro da produção belica alemã durante o último ano de guerra — possivelmente a mais brilhante inteligência entre os líderes nazistas. Ao contrário destas duas, «Frau» Morell, esposa do médico de Hitler, seria tudo, menos reservada, tendo ela e seu marido presenteado Eva com presentes caríssimos. A única esposa que o Fuehrer não podia suportar em Berghof era a de Hess, por ter caráter masculino demais para o seu gosto.

A SECRETARIA ABORRECEIA O FUEHRER

Além das esposas de seus oficiais e ajudantes, morava em Berghof um grupo de secretarias. A mais antiga era Johanna Wolff, uma habil, trabalhadora e leal empregada de Hitler, pouca coisa mais velha do que as outras que, às vezes, afastavam-na, sem piedade, para um lado. Das mais moças, Christa

FOGÕES ELÉTRICOS

Gardini

Seções de:

Eletricidade, Serralheria,
Esmaltação a Fogo, Pintura a Duco e Cristalização, Cromagem, etc.

Fogões Elétricos, Aquecedores Elétricos
Placas esmaltadas a fogo para numeração de ruas e residências — Placas gravadas em metal, a cargo do técnico
TOLEDO

VIRGILIO GARDINI

ESCRITORIO:

Av. Amazonas, 661 — Tel. 2-2601

FABRICA:

Rua Pitangui, 1591 — Tel. 2-4148

MEDICAMENTOS DE OTIMA QUALIDADE

DROGARIA SÃO FELIX S. A.

CASA MATRIZ

RUA TAMOIS, 33 — ED. "SUL AMERICA"

FONE 2-2814

(PLANTÃO NOTURNO PERMANENTE)

QUATRO FILIAIS

Farmacia São Felix — Praça Diogo Vasconcelos, 274 — Fone 2-0099
 Farmacia São Felix — Av. Af. Pena, 402 — Ed. Teodoro — Fone 2-1306
 Farmacia São Felix — Av. Bias Fortes, 934 — Fone 2-1167
 Farmacia Marília — Rua Tomaz Gonzaga, 607 — Fone 2-0704

Schroeder era uma jovem inteligente e dotada de uma enorme capacidade de trabalho. Considerava-se com direito suficiente para dar opinião sobre tudo, inclusive política, sendo que seus pontos de vista nem sempre agradavam ao «Fuehrer», que se aborrecia. Como estas duas jovens não fossem de muito boa saúde, uma terceira secretária tomou-lhes o lugar, logo após a declaração da guerra.

Ao contrario de Christa Schroeder, Fraulein Daranowski nunca deu opinião alguma que pudesse contrariar a de Hitler e, desta maneira, assim como pelo seu encanto feminino, (era tão viva quanto ambiciosa) procurava ganhar influencia sobre o Fuehrer. Casou-se com um dos ajudantes da Luftwaffe, general Christian. E quando Christian assumiu um importante cargo em Berlim, correram murmurios impiedosos, talvez não de todo destituídos de fundamento, que ele devia a promoção às maquinacões da esposa. Daí não ser de admirar o fato de ter sido Daranowski a unica secretária de quem Eva não gostava.

Outra pessoa de quem Eva não gostava era Martiali, descendente de grego e austriaca, encarregada da dieta de Hitler. Era dever da senhorita Martiali

zelar para que Adolf comesse somente o que lhe fizesse bem e que, dentro dos limites impostos por seus medicos, fosse a sua alimentação tão variada e agradável quanto possível. Desempenhava o seu papel com

perfeição sendo que Hitler expressava sua admiração e gratidão, convidando-a a partilhar de suas refeições, algumas vezes com a exclusão da propria Eva.

INTIMO DA FAMILIA WAGNER

Quando na Bavaria, o Fuehrer não passava todo o tempo em Berchtesgaden. Tinha um apartamento em Munich, do qual um casal de nome Winter, tomava conta. A senhora Winter adquiriu certa influencia, e, sendo a rainha do «diz que, do lugar, conseguiu circulos de relações cada vez maiores, pois achavam bom estar ao lado direito da senhora Winter.

Além de Berchtesgaden e Munich, a Bavaria proporcionava a Hitler um terceiro lugar para descanso, Beyreuth, onde ele ia uma vez por ano por ocasião da festa de Wagner e se hospe-

dava pegado á casa da familia Wagner. Há muito era o Fuehrer intimo da familia do celebre musico, especialmente da senhora Wagner, com quem partilhava uma admiração apaixonada pelos trabalhos do grande Richard. A senhora Wagner tinha personalidade forte, marcante e independente e era o centro de uma especie de «salão» que reunia brilhantes inteligencias. Em assuntos politicos ela não exercia muita influencia sobre Hitler, uma vez que este não passava muito tempo em Beyreuth e nunca esteve lá, quando importantes assuntos estavam para se resolver.

As crianças Wagner eram, com uma exceção, admiradoras de Adolf e este em troca, gostava dos pequenos. Fazia exceção a filha mais velha que, deixando Bayreuth, foi para a Suíça, onde criticava o Fuehrer aberta e asperamente, gabando-se de seus sentimentos e sangue ingleses.

MACHADOS ?



AÇO
E/PERANÇA



UM AÇO DE
CONFIANÇA

USINA QUEIROZ JR, LTDA
ESPERANÇA • MINAS • EFCB

Tome Nota

— As verduras são alimentos indispensaveis ao organismo por conterem algumas delas dentre outros valores nutritivos, vitaminas.

— A agua fervida se fôr refrigerada ou exposta ao ar durante a noite, perderá o gosto desagradavel acarretado pela fervura.

— A ampliação dos serviços de saúde, em todos os recantos do país, será o fator primordial para o aperfeiçoamento da raça.

SELEÇÕES DE MODAS

OLGA TESTA

MODELOS FORNECIDOS
PELA «BRASILITALA»,
COM EXCLUSIVIDADE
PARA BELO HORIZONTE



Encantadora toilette em peis de
duas cônes

FILIGRANAS

CABELOS — Na mulher, só os cabelos brancos, quando o olhar é brilhante o espírito vive e a pele fresca e rosada, em vez de envelhecer remoçam — Júlio Dantas.

O AMOR EDUCA — O amor é um mestre admirável que nos ensina a sermos o que nunca fomos; e muitas vezes, com suas lições, muda completamente os nossos costumes — Molière.



Um vestido ligeiro de linhas
simples

AFEIÇÃO — A alma humana tem horror ao vácuo observando atentamente o egoísta mais endurecido, acabamos por encontrar, como uma flor entre pedras, um afeto que se lhe oculta nos refolhos da alma — C. Tillier.

CUIDE DE SUA SILHUETA

Por Lise LATOUR

1) — Se for pequena, não use casacos grandes, saias plissadas, tecidos com grandes quadros estampados, nem grandes sombrinhas.

2) — Se for muito alta, use tecidos com listras horizontais, saias com cintura folgada. Nada de salto alto, naturalmente.

3) — Se muito delgada, use conjuntos de lã grossa, com quadrinhos escoceses, mangas raglan, saias franzidas. E, nada de decotes...

4) — Se tiver cadeiras salientes, não use drapeados na cintura, e saias muito justas. Use casacos três quartos um pouco amplos ou abogós grandes sem cintura.

5) — Se tiver muito busto não use vestidos muito ajustados ou drapeados muito volumosos.

6) — Se tiver ombros estreitos, procure realçá-los, por meio de golas abertas, enchimentos ou pequenas capas.

— Criança não visita doente, e os indivíduos com períodos agudos ou crônicos de doenças transmissíveis precisam ficar isolados para não transmitirem os germes responsáveis pelos seus males.

— As medidas de higiene aconselhadas pelas autoridades sanitárias deverão ser cumpridas a rigor afim de que sejam evitadas doenças transmissíveis.

BONS CASAMENTOS — Os melhores casamentos não são os mais ricos, mas aqueles em que ambos os casados suportam tudo um do outro com docura e paciência — Mme. de Maintenon.

Vestido estampado notando-se a originalidade da saia em pregas transversais formando uma cascata

LENHARIA

ECONOMICA

TELEFONE, 2-6288



O MODELO AO LADO

*Vestido para a noite e que
lembra uma túnica grega*

O Riso

Muitos filósofos já criaram solenes teorias para explicar as causas do riso, reduzindo-as a um só motivo — e a única coisa que conseguiram foi causar riso com suas teorias. Hobbes disse que nós rimos porque alguma coisa ridícula ou alguma deformidade nos outros aumenta o conceito que fazemos de nós mesmos; Schopenhauer diz que a incongruência é a causa de todos os risos; Bergson afirma que em todo o caso o riso surge quando os seres vivos parecem agir como máquinas.

—x—

— O sabão substitui as pastas dentífricas na limpeza e desengorduramento dos dentes.



MÓDAS BRITÂNICAS EM MINIATURA — Uma casa de modas de Londres adotou um novo sistema para exibir seus modelos ante os compradores por atacado. Manequins minúsculas são vestidas com as últimas criações, e os compradores podem fazer sua escolha antes de as voltar a ver em manequins vivos.

FOGLI

O ALFAIATE N.º 1 DA TERRA DO OURO

**CONFEÇÃO ESMERADA DE TERNOS
DE TODOS OS FEITIOS**

**MANTEM SECCÕES DE CASEMIRAS, LINHOS E TROPICAIS, APRESENTANDO
SEMPRE NOVIDADES**

FOGLI ALFAIATE

Rua Santa Cruz -- NOVA LIMA

CASA COTIA

A Casa mais popular e preferida da cidade

Deseja um feliz 1948 para os seus amigos e freguezes.

*Sedas, raions, tecidos grossos e finos -
Artigos de cama e mesa.*

Grande e variado sortimento de case-
miras e linhos

SEMPRE NA VANGUARDA

CASA COTIA

RUA ESPIRITO SANTO, 370 - TEL. 2-6601

BELO HORIZONTE



“O EX-MAGICO”



MURILO RUBIÃO

Murilo Rubião, jornalista e conteur, tem esparços em jornais e revistas, inúmeros contos e novelas. Agora, vem de reunir em volume alguns de

seus contos, uns já publicados; outros, inéditos. «O Ex-Magico» é o título do caderno. Um livro diferente, cujas tramas e cujos personagens parecem irrealis, como se foram metidos numa nebulosa que os deformasse e desfigurasse. Parece, entretanto, que atrás desse irreal, os calungas de «O Ex-Magico» são encontros na vida real. Por certo, o leitor desprevenido ficará, às primeiras leituras do livro, algo chocado com um mundo diferente e fantástico. Mas as contradições e os fracassos, as angústias e as aspirações de nosso semelhante estão bem vivas e definidas nos enredos e bonecos que compõem o livro. Ha, assim, fartura de imprevistos e de paradoxos nos contos de Murilo Rubião. Não é, entretanto, a vida uma tessitura de surpresas e ilogismos?

— «O Ex-Magico» são paginas de estréia. E, em verdade, auspiciosa estréia. — P. M.

São Tomaz e a Verdade

Tomaz de Aquino não admitia que se brincasse com a verdade e não tolerava nem mesmo essas mentiras inofensivas que, a título de brincadeira, proferimos com frequência. Um dia, um jovem frade quiz pregar

lhe uma peça e disse, de repente:

— Irmão Tomaz, olhe um boi que está voando lá fora!

O santo dirigiu-se tranquilamente à janela e como o religioso se pusesse a rir, surpre-

zo por vê-lo acreditar em semelhante absurdo, o «doutor angélico» declarou:

— Pois eu me espantaria menos de ver um boi voando do que ver um frade mentir.

Como escrevia Tolstoi

Depois do trabalho, almoçava; em seguida dava um passeio a cavalo, das 2 às 5, ou um passeio de três horas a pé. Das 5 às 6, dormia. Depois disso, a ceia, e à noite, conversava com visitantes ou lia.

«Refundia ele muito o que escrevia?»

«Páginas havia que ele escrevia vinte, trinta, mesmo cem vezes. Minha mãe copiou todo o manuscrito de «Guerra e Paz», sete vezes — todo ele a mão, pois não havia então máquinas de escrever. Sempre correções, alterações, novos rascunhos. Como sua secretária, eu tinha de dactilografar o manuscrito, ele o alterava, eu tornava a dactilografá-lo e ele fazia novas correções: assim uma porção de vezes.

«Vou contar-lhe um episódio. Certa vez, meu irmão mais velho quis servir-se de uma dispensa para algo. Escolheu um compartimento cheio de velhos papeis, e jogou os papeis na lata do lixo. Minha mãe viu alguns destes papeis a esvoaçarem e recolheu-os. Sabe o que eram? Eram parte do manuscrito de «Guerra e Paz». Ela salvou do lixo, assim, parte do romance».

UM EQUIVOCO

Quando Pearl Buck obteve o prêmio Nobel de Literatura, seus leitores julgaram que fosse pelo livro «A velha China». Os editores da romancista, porém, explicaram ao público que havia sido pelo «conjunto da obra» (The Lady of the work). Qual não foi a surpresa de uma livraria ao receber cartas de vários fregueses, pedindo o último romance de Pearl Buck, «O conjunto da obra»!

UMA CORREÇÃO DE HENRI JAMES

O primeiro romance de Gertrude Ashertou teve a honra de ser revisto e corrigido por Henri James. Infelizmente as correções eram tão herméticas que a jovem romancista americana não sabia como delas tirar partido. De tal forma que escreveu a Henri James uma carta desolada «Li com maior prazer as suas correções. Estão magníficas. Mas caro sr. James, não quer dizer-me uma coisa gostou do meu livro ou não?»



Irmãos Orsini & Cia. Ltda.

AV. CONTÓRNO 11413 TEL. 2-3353 C. POSTAL 248-BELO HORIZONTE

Fogões especiais para Hotéis, Hospitais, Colégios, Quarteis, Restaurantes e Pensões

FOGÕES A LENHA, A GAZ E ELÉTRICOS PARA TODOS OS FINS

SI É FABRICADO POR IRMÃOS ORSINI É BOM



METRÔPOLE

VIDA, FOGO, AUTOMÓ-
VEIS, TRANSPORTES,
ACID. DO TRABALHO,
ACID. PESSOAIS

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS E COMPANHIA NACIONAL DE ACIDENTES DO TRABALHO

FILIAL DE BELO HORIZONTE:

Av. Afonso Pena, 952 - 2.º
Caixa Postal, 402 - Telef. 2-1593
End. Teleg.: METROSEG

MATRIZ: RIO DE JANEIRO

Av. Rio Branco, 110/112 - 1.º
Caixa Postal, 1.020
End. Teleg.: METROSEG

ROMERIANAS

Conta-se que Silvio Romero, cuja franqueza era proverbial, chegou certo dia à sala de aula da Faculdade de Direito e encarando os alunos exclamou:

— Não dou aula hoje; estou muito burro para falar e vocês ainda mais burros para me compreenderem.

Na mesma Faculdade, na banca examinadora, sabendo que um dos candidatos era irmão do grande parnasiano Raimundo Correia, ordenou-lhe simplesmente:

— Recite as «Pombas».
O rapaz obedeceu e Silvio Romero deu-se por satisfeito, aprovando o candidato.

PORQUE KANT NÃO SE CASOU?

Por bem curiosa coincidência, Kant, o filósofo da «Crítica da Razão Pura» nunca se casou. Por duas vezes esteve prestes a contrair nupcias, mas refletiu por muito tempo e, no primeiro caso, a mulher que o genial pensador tinha em vista desposou outro homem; no segundo, abandonou a cidade antes que Kant, na sua timidez, pudesse decidir.

Curiosidades Literárias

VITOR HUGO VISTO POR EÇA DE QUEIROZ

«Eu admiro Vitor Hugo, escrevia Eça de Queiroz, exatamente como ele admirava Shakespeare — «comme une brute». E mais adiante: «Eu sou dos que acreditam ainda na sociologia de Hugo!»

A POPULARIDADE DE ANDRÉ MAUROIS

Todos os que leram *Climats*, famoso romance de André Maurois, que ainda há pouco esteve no Brasil, lembram-se de Isabelle, a pobre criatura sacrificada no seu amor por Philippe. Pois, certa vez, um indivíduo fez um anúncio na imprensa parisiense, dizendo que desejava uma noiva do feitio moral de Isabelle. Carta para Fulano de tal, etc... O que equivale a uma verdadeira consagração popular para um escritor.

PROUST VISTO POR COCTEAU

No seu livro de memórias Jean Cacteau assim descreve Marcel Proust no seu aparta-

mento: «No quarto, onde Proust vivia e onde cultivava o mundo quase submarino de suas personagens, as janelas nunca estavam abertas; a poeira formava por toda parte, luxuosas tapeçarias acinzentadas e o pé desastrado desliscava sobre conselhações de naftalina; o pó anti-asmático voava de cá para lá, e sobre um leito-divan Proust deitado vestido parecia Carnot morto, no Museu Grevin. Usava luvas brancas e um colete de veludo que ocultava num dorso quadrado seus mecanismos incomparáveis».

O ASPECTO FÍSICO DE EUCLIDES DA CUNHA

Do aspecto físico de Euclides da Cunha dizia Alberto Rangel: «Tinha a vulgaridade mameluca da nossa humilde e boa caipiragem».

E Silvio Romero concluía: «Mas parece um cariri perfeito».

Aliás o próprio Euclides se definia num verso famoso: «Misto de celta, de tapuio e gre-

LAWRENCE E MAUGHAN

No livro de Frida Lawrence sobre o marido, o grande romancista inglês D. H. Lawrence, encontramos o seguinte trecho: «Um dia, tendo o autor da «Servidão Humana» chegado ao México, Lawrence escreveu-lhe para que eles pudessem encontrar-se. Mas o secretário de Maughan respondeu por este nos seguintes termos: «Disseram-me que nós devemos jantar juntos na casa de um amigo que mora longe daqui. Quer que repartamos as despesas do automóvel? «Lawrence, faccioso, não deu resposta».



AV. AFONSO PENA 740 - SALA 4 - FONE 261388 HORIZONTE

baléido cópio

ISAAC NEWTON DESCOBRIU A GRAVITAÇÃO?

Não. Seneca mencionou o fato de que a Lua atrai as águas (38 E.C.). Kepler em 1615, Galileu em 1633 e Hooke em 1674, todos contribuíram com suas teorias. O grande feito de Newton foi formular e provar a lei segundo a qual verifica-se entre as massas de matéria uma mútua atração cuja força varia diretamente na razão das massas e inversamente pelo quadrado das distâncias que as separam. Mostrou, ainda, que a mesma lei rege os corpos celestes e os corpos sobre a superfície terrestre.

COMO SE OBTEM O — — — — ALUMÍNIO — — — —

De uma matéria semelhante ao barro, denominada bauxite — da qual se encontram grandes depósitos em todos os Continentes. Quando tratada com vapor, a alta pressão, a bauxite precipita a alumina — composto de alumínio e oxigênio. Aquece-se eletricamente a bauxite na presença de outros óxidos de metal e carbono. Ela perde o oxigênio, que se combina com o carbono, deixando livre o alumínio.

QUANDO PERDEMOS A DIREÇÃO, NO ESCURO OU NUM NEVOEIRO, INCONSCIENTEMENTE TENDEMOS PARA A DIREITA? — — — —

Não universalmente. É verdade, entretanto, que, da mesma forma como há pessoas canhotas e não, há também as que agem melhor com um pé ou com o outro. Cada pessoa tende a colocar para a frente «seu melhor pé», tendendo conseqüentemente para a esquerda ou para a direita.

CARA DE UM...

Cada pai transmite ao filho comum minúsculas partículas de matéria chamadas «genes», as quais determinam a forma das feições, a cor do cabelo, etc. Por certas particularidades os «genes» do pai podem ser mais fortes, por outras particularidades os «genes» da mãe; em outros casos, produz-se uma mistura. Como o número de combinações de «genes» numa família é limitado, alguns membros da mesma família terão em grande parte número muito semelhante de «genes», tornando-se assim parecidos.

BARBADOS — — — —

Antes do advento do ferro, os antigos egípcios usavam navalhas feitas, a princípio, com uma variedade de quartzo, e, mais tarde, de cobre. As primeiras navalhas, fosse qual fosse o material de fabricação, tinham sempre a forma de cunha.

O tipo de navalha usada pelos barbeiros hoje em dia, só apareceu em princípios do século XIX e o tipo de segurança, atualmente generalizado em todo o mundo, só foi introduzido nos princípios deste século.

CO'DIGO E CIFRA — — — —

Numa cifra, as letras ou símbolos são simplesmente substituídos, ou as letras são transportadas de acordo com um sistema. Num código, as palavras ou outros símbolos são arbitrariamente usados para representar palavras, frases e, mesmo, sentenças inteiras.

O SOL APAGA INCENDIOS?

Essa crença, muito generalizada, é absolutamente falsa. Origina-se, provavelmente, de que a luz solar intensa sobre o fogo faz com que este pareça menos brilhante. Num quarto escuro, o carvão em brasa brilha intensamente, mas quando o sol bate-lhe em cima, vê-se apenas a cinza que cobre a brasa, porque a luz do sol refletida pela cinza é muito mais intensa que a da brasa.

ALTURAS — — — —

Para manter o próprio equilíbrio dependemos em grande parte da focalização de objetos que se encontram à nossa volta, por intermédio dos olhos. Quando a terra se encontra a uma distância a que não estamos habituados, achamos difícil ajustarmos a tal situação. Daí a tontura provocada pelas altitudes. Num avião, os olhos encontram objetos próximos para focalizar e a posição sentada dá uma sensação de maior segurança.

PREVISÃO DO TEMPO — — — —

Entre dez ocultos vermelhos, sete são seguidos de amanhecer plácido e claro. A tonalidade encarnada no pôr do sol é devida a partículas de poeira na atmosfera, as quais impedem a passagem de alguns raios

de sol, mas não os vermelhos. Ao amanhecer, geralmente, a quantidade de poeira é insuficiente para provocar semelhante efeito, mas quando ocorre é indicio de presença e gotículas de água (donde: «O céu vermelho de manhã, é o aviso do pastor»). De qualquer forma, ao entardecer existe poeira suficiente para cortar todos os raios de sol, menos os vermelhos — gotículas de água nesta situação cortariam todos os raios, inclusive os encarnados.

CO'CEGAS NOS PÉS — — — —

Uma série de nervos tem suas funções terminais na pele do pé, cuja função é perceber as menores variantes da pressão exercida sobre o solo afim de transmiti-las ao cérebro, de maneira que possamos pisar corretamente mantendo o equilíbrio perfeito enquanto caminhamos.

SENSAÇÃO OLFATIVA — — — —

As substâncias que podemos cheirar desprendem minúsculas partículas as quais, transportadas às nossas narinas pelos movimentos do ar, dissolvem-se no mucus que cobre o delicado revestimento interno do nariz atacando os sensíveis pêlos conhecidos como pêlos olfativos. As mudanças operadas nessas cabelos afetam células nervosas, do que resulta uma «mensagem» transportada para o cérebro, a qual se traduz em sensação de cheiro. As partículas perdidas pela substância cheirosa são tão incommensuravelmente pequenas que uma fava aromática, por exemplo, desprenderá seu odor durante anos seguidos sem perder perceptivelmente o peso.

FLUTUANTES — — — —

O fato de um objeto flutuar ou afundar depende de seu peso ser maior ou menor que o mesmo volume de água. O casco de um navio de aço, compreendendo grande volume de ar, é, juntamente com o ar, mais leve que um volume de água equivalente. O sólido prego de aço é mais pesado que o volume de água correspondente, motivo pelo qual afunda.

PEIXES DA COR DA AGUA — — — —

É porque dispõem de grande número de células muito pequenas na pele, as quais dispõem de pigmentos de diferentes co-

res. Quando o peixe, digamos, passa de área de água escura para uma água clara, as células que contêm pigmentos escuros contraem-se e as que dispõem de pigmentos claros se expandem. Diferentes combinações de células fornecem grande variedade de cores. Tais mudanças verificam-se automaticamente, sendo o estímulo provocado pelos olhos do peixe sobre o sistema nervoso que atua sobre os músculos que controlam as células da cor. Este poder de mudar de cor serve para proteger o peixe contra seus inimigos que não podem vê-lo com facilidade, por estar sempre mudando de cor de acordo com o meio ambiente.

PORQUE O MEDO NOS TORNA TREMULOS? — — — —

O sintoma físico do medo é devido ao fato do corpo preparar-se para fugir ao perigo que provoca o medo. Verifica-se uma tensão de energia nervosa que se dirige ao cérebro, atuando sobre as células que controlam as partes do corpo que seriam usadas no caso de fuga. Acredita-se que parte dessa energia se disperse atuando sobre as células vizinhas no cérebro, causando tremor, o bater de dentes, e «tics» nervosos momentâneos.

AGULHA A NORTE-SUL — — — —

Tanto a Terra como a agulha da bússola são magnéticas, e cada uma das quais (assim como todos os magnetos) dispõe de Polo Sul e Polo Norte. Quando dois magnetos se acham juntos, os polos contrários mutuamente se atraem e os iguais se repelem. Assim, o Polo Norte da Terra atrai o Polo Sul da agulha magnética — o qual, por comodidade é comumente chamado de «Polo Norte».

FERMENTAÇÃO — — — —

O tipo de fermentação melhor conhecido é o que se usa na produção das bebidas alcoólicas. A causa da fermentação são organismos vivos que decompõem o açúcar em álcool e dióxido de carbono. Afim de viver, o organismo digere açúcar. Fã-lo produzindo «enzimas», substância química que ataca o açúcar. Bactérias e outros organismos vivos microscópicos causam fermentação de forma semelhante.

EDIFÍCIO "CASABLANCA"

APARTAMENTOS
DE LUXO

TODAS AS SALAS E
QUARTOS DE FRENTE

Entre os acontecimentos de
relêvo, comemorativos do
Cinquentenário de Belo Hori-
zonte, destaca-se como um
dos mais gratos à Cidade, o
lançamento da incorporação
de um dos mais belos prédios
de apartamentos do Brasil —

o

EDIFÍCIO "CASABLANCA"

Situado na Praça Raul Soa-
res — com frentes para a
Praça, para a Avenida Ole-
gário Maciel e para a Rua
— — Guajajaras. — —



Parte financiada pelo I. A. P. I. -- A 15 anos -- "Tabela Price" -- 10% a. a.

Incorporadores:

SOPHOCLES CORRÊA DE AMORIM

JOÃO JACOB CHEIB

WADY SIMÃO

CONSTRUTOR:

ENG.

WADY

SIMÃO

RUA DOS TUPINAMBÁS, 444

SOBRADO

FONE: 2-5975

TECIDOS NO VAREJO E NO ATACADO

DA FÁBRICA AO CONSUMIDOR

10 MILHÕES DE CRUZEIROS EM
TECIDOS DE ALGODÃO, LÃ E
SEDA, NA MAIOR FOGUEIRA DE
TODOS OS TEMPOS !



CASA TIGRE

a nova seção da maior casa atacadista
de tecidos do estado: CIA. DE TECIDOS GONTIJO CARDOSO